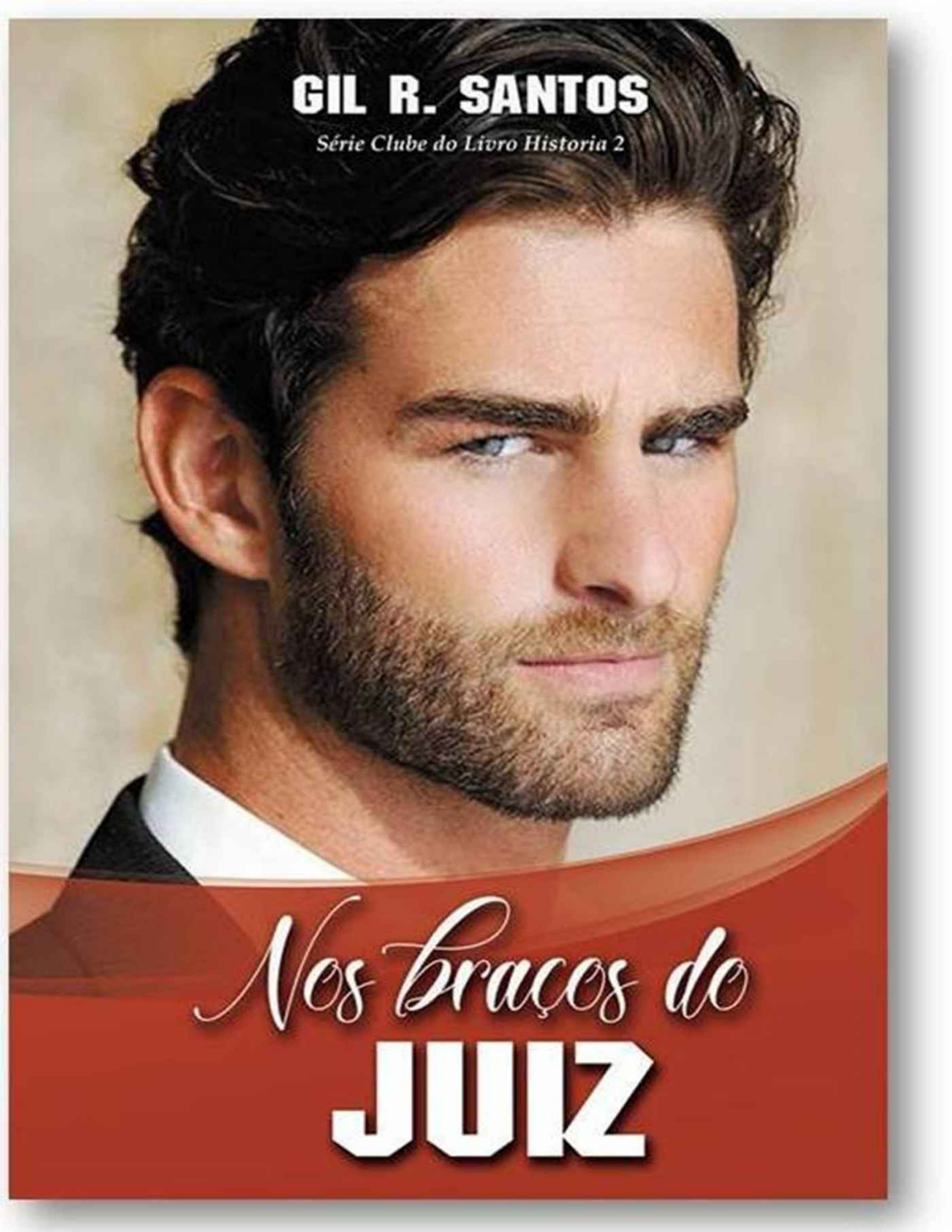


A close-up portrait of a man with dark, wavy hair and a light beard, looking slightly to the right. He is wearing a dark suit jacket over a white shirt. The background is a soft, neutral tone.

GIL R. SANTOS

Série Clube do Livro Historia 2

Nos braços de
JUIZ



Gil R. Santos

Nos braços do
JUIZ

Série Clube do Livro (História 2)

2ª EDIÇÃO

2018

Nos braços do Juiz

Série Clube do Livro (História 2)

© Copyright 2018 – Gil R. Santos

ISBN: 978-85-906794-2-4

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização do autor.

Este livro foi idealizado e escrito por Gil R. Santos

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela Lei n.º 9.610/98 e punida pelo artigo 184 do código penal.

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais, será mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

Proibido para menores de 18 anos de idade

Revisão: Luciana dos Santos

Capa: Artísticas Criação de Conteúdo Digital

SUMÁRIO

[**APRESENTAÇÃO DA SÉRIE**](#)

[**SINOPSE**](#)

[**PRÓLOGO**](#)

[**CAPÍTULO 1**](#)

[**CAPÍTULO 2**](#)

[**CAPÍTULO 3**](#)

[**CAPÍTULO 4**](#)

[**CAPÍTULO 5**](#)

[**CAPÍTULO 6**](#)

[**CAPÍTULO 7**](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAMILA NO CLUBE DO LIVRO](#)

[SINOPSE DO PRÓXIMO LIVRO DA SÉRIE:](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

[OUTROS LIVROS GIL R. SANTOS](#)

Apresentação da Série

Quatro amigas fazem parte de um clube do livro, onde elas criam contos e histórias muito picantes e apresentam em suas reuniões trimestrais. Um dia, uma delas propõe que elas vivam seus contos e histórias para expor no próximo encontro do clube, o fato é que suas vidas se transformam completamente a partir daí.

Que comecem os contos!

Série Clube do Livro

História 1 - Meu Jovem CEO (Eduarda)

História 2 - Nos braços do Juiz (Camila)

História 3 - O irmão do meu namorado (Kate)

História 4 - O noivo da minha chefe (Samanta)

Camila no clube do livro

Acionei a campainha da Kate e consultei a hora: 10:00h em ponto.

Isso aí, Camila, bem na hora gata!

Ela tinha ligado, no dia anterior, avisando que teríamos, enfim, o nosso tão esperado encontro do clube do livro, ou da putaria, como eu costumava chamar.

Quando ela abriu a porta, as outras também chegaram. Abraçamo-nos e entramos fazendo a maior festa.

Ficamos na expectativa enquanto Kate preparava o sorteio de quem começaria exposição do seu conto da putaria. Se bem que o meu foi incrível!

Nossa, que loucura, aquele seria o primeiro encontro do clube do livro de contos eróticos e histórias reais das nossas vidas. Eu estava ansiosa para falar tudo!!

De três em três meses, nos reuníamos para apresentar os contos eróticos de nossa autoria, que criávamos nesse intervalo de tempo das reuniões.

Mas nada do que fizemos antes, podia se comparar com aquilo, com certeza não.

Quem começou com tudo foi a Kate. Ela deu a ideia de criarmos contos eróticos ou curtas histórias reais, que vivêssemos, de verdade em nossas vidas!

Disse que seria apenas uma experiência, se não desse certo, e algumas de nós falhássemos e não conseguíssemos viver nenhuma história, voltaríamos aos contos normais, ou seja, imaginários de sempre.

Fiquei empolgada, claro, porque realmente seria um desafio, algo bem excitante. Já tinha feito coisas muito mais sacanas, topei. As outras também, quer dizer, só a boba da Eduarda que ficou grilada e não quis participar, mas começamos a pegar no pé dela e ela aceitou.

Eduarda tinha 32 anos, trabalhava como secretária do CEO, numa empresa de publicidade. Depois de 7 anos casada, o vadio do marido dela, trocou-a pela secretária dele. Seus contos não eram muito animadores, ela precisava melhorar. Melhorar, queria dizer, transar.

Samanta, tinha 22 anos, era atendente num consultório dentário. Era uma Morena de estatura mediana, tinha cabelos pretos e lisos, na altura dos ombros (ela estava fofinha, mas ali, estava bem mais magra). Ela flagrou o namorado, safado, com a melhor amiga há quase um ano, desde então não saiu com mais nenhum rapaz. Ela dividia o apartamento com uma amiga, que detestava ler. Suas histórias sempre eram leves, até bobas, e no fim o cara sempre abandonava a protagonista por outra.

Kate tinha 26 anos, a gata trabalhava como assistente numa empresa de publicidade. Era uma loira de parar o trânsito, seus cabelos eram enrolados, e ela tinha a mesma estatura que eu, era alta. A gata mandou o noivo beerrão e sanguessuga se catar, o expulsou de sua casa, de sua vida, depois de quase três anos morando juntos. Hoje em dia ela só queria os homens para diversão! Que gata resolvida!. Seus contos eróticos eram sempre os mais apimentados, muito legais!

Eu, Camila, estava na altura dos meus 19 anos. Meus cabelos eram ruivos, longos, era alta e muuuito gostosa, tá sem exagero nenhum, eu era uma gata apesar de andar meio desorientada na vida. Eu morava com meu pai e isso era um porre para mim. Não conseguia ficar num emprego por muito tempo, mas ainda pensava em algo bom para mim, até pensava em cursar faculdade. Minha mãe, a ruiva problema, deixou meu pai, que era um maluco por trabalho, e foi viver no Japão, cantar ou fazer sei lá o quê por lá, entregou minha guarda ao Sr. Campos, e infelizmente, ou felizmente, eu não me emendei mais. Eu era de aprontar, rolou porcarias na minha vida, até por clínica de reabilitação eu passei. Mas aí conheci a Kate numa balada e ela me

convidou para o clube da putaria e isso, com certeza, mudou minha vida!

Kate me cutucou a cintura, chamando minha atenção. Avisou que Eduarda começaria.

Sorri, ansiosa por ouvir.

Quando a loira terminou, meu queixo, já batia no chão.

Não é que a garota enfim despertou para o sexo, para a vida, para tudo e estava voltando de uma tórrida lua de mel de putaria com o gato do Ricardo Fontenelle, um rapaz bem mais jovem que ela e era o CEO da empresa onde ela trabalhava!

Todas ficamos impressionadas e fizemos a maior festa para ela, felicitando-a.

Kate piscou para mim, um tempo depois e todas começaram a bater palmas, fitando-me.

Tinha chegado a minha vez.

Sorri, fazendo minha cara de safadinha, lembrando-me dele.

Oh, do meu juiz delícia, e do que tínhamos feito na piscina antes de me deixar na casa da Kate.

— Então, vamos logo. Gatas, quero que ouçam bem e se deliciem com sua Excelência Juiz Marcus Henrique Toledo, mas olhem o aviso, ele é só meu, viu!

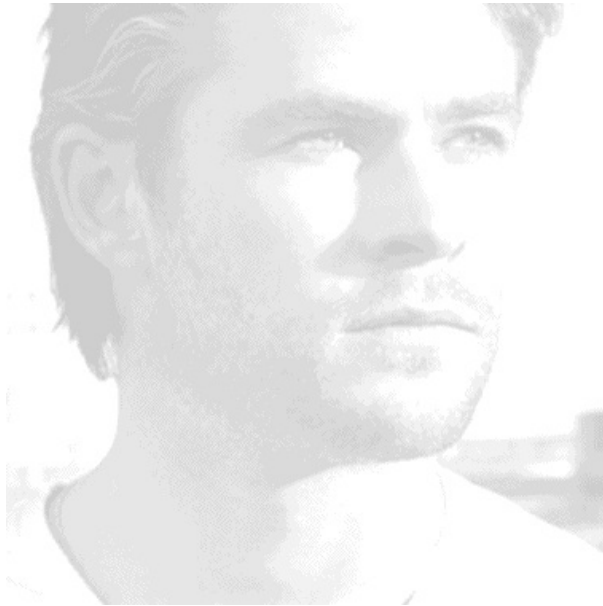
Disse piscando e elas riram, batendo palmas, ansiosas por minha história.

Sinopse

Camila estava muito chateada com seu pai. Ele, que era um empresário rico, tinha cortado sua mesada, recolhido seu cartão de crédito e confiscado seu carro, o problema é que mais uma vez ela, que era uma garota rebelde, desregrada, tinha aprontado mais uma das suas. Ela ficou desesperada pois precisava da grana para tirar sua amiga Pri da cadeia. Esta se envolvera num roubo na sua cidade e seria condenada por sua excelência o juiz Marcus Henrique. Marcus era um jovem viúvo, que se mudou para a cidade para começar a vida depois que perdeu a esposa grávida. Ele era conhecido como um homem incorruptível.

Só havia uma forma de resolver, Camila então preparou um plano que poderia afastar o juiz da corte. O problema foi quando conheceu Marcus Henrique. Ela não contava que o homem além de sério, austero e belíssimo, fosse de inesquecível em outros momentos que não havia lei para ela. E agora?

Prólogo



"... — Segure o taco, assim e aponte para a bola — instruiu com a voz ainda rouca, posicionando minha mão no taco.

— Agora, acerte a bola na caçapa.

Fiz o que ele pediu. Durante a ação segurei o ar e não mexi um músculo.

Acertei a bola com o taco, e ela rolou, entrando de primeira na caçapa.

Sem conseguir me conter, movimente-me empolgada, esfregando meu bumbum na virilha dele de novo.

Ôpa!

A ação o fez gemer. Foi então, que ele me fez voltar-se para ele, devagar.

Nossos olhos se encontraram.

Nossas respirações aceleraram.

Nossos lábios se aproximaram.

Abri minha boca e ele e me invadiu, explorando-me sedento, possessivo, com sua língua. Seu sabor estava misturado com álcool, e isso tornou o beijo mais delicioso ainda.

Quando Marcus me soltou, já estava bêbada de desejo por ele.

Minha nossa, que homem é esse! Eu quero esse juiz delicioso para mim!

Parecendo ouvir meus pensamentos ele me enlaçou pela cintura, colocando-me sobre a mesa e ficou entre minhas coxas. Atacou minha boca de novo, eu já estava encharcada, com o centro em chamas, ansiosa por ser tocada lá. Enlacei-o com as pernas, imediatamente, finquei os dedos no seu couro cabeludo de fios dourados e macios.

Ele desceu seus beijos pelo meu colo. Abriu rápido os botões da parte de cima do meu vestido, puxou o tecido do ombro para baixo e expôs meus seios para ele.

—Você é linda, Alexia. Eu estava louco para te beijar na boca e agora vou te beijar aqui, nos seus lindos seios.

Seu olhar era faminto. As pedras azuis estavam flamejantes de desejo. Sua fisionomia nesse estado era envolvente, uma delícia!

— Então vem me provar Sr. Juiz — pedi ousada, oferecendo meu colo para ele.

— Não me chame assim. Meritíssimo é melhor, Alexia, minha ruiva, prefiro ouvir isso da sua boca — ordenou, rosnando baixo.

Concordei com um sorriso sacana e imediatamente ele me levou mais ao seu encontro, fazendo-me sentir seu volume na calça. Meu íntimo vibrou, louca por senti-lo sem a maldita peça.

— Ah, meritíssimo — gemi na sua boca.

Capítulo 1

Camila

— **Pai!** Você não pode fazer isso comigo!

Lancei minha mochila em cima da cadeira em frente a sua mesa, olhando-o muito irritada.

Ele me fitou, surpreso, com meu gesto de insurgência.

O Sr. Campos, simplesmente, tinha cancelado todos os meus cartões de crédito e não depositou nada na minha conta corrente, eu estava completamente dura, sem nada!

— Eu te avisei, Cami. Avisei que se você aprontasse novamente, você ficaria sem os cartões e sem dinheiro por dois meses — respondeu exasperado.

É. Parece que agora incomodei mesmo sua rica tranquilidade.

— Eu não posso ficar sem dinheiro, pai! O que você pretende com isso?! Eu tenho uma festa hoje com meus amigos — exclamei.

É claro que não perderia a festa, mas também, depois, teria outro lugar para ir: À casa da Avó da minha amiga Pri. Esta tinha feito uma loucura, meteu-se numa grande burrada. Agora, eu precisava ir até lá e ajudar aquela criatura.

Mas agora, sem dinheiro, como farei?!

Ele cerrou os olhos e disse, irônico.

— Pois então, peça algum dinheiro a eles. Se são seus amigos, com certeza não se negarão em lhe emprestar alguma coisa.

Fiquei revoltada.

— Que merda, pai! — exclamei.

Putz!

Tinha saído sem querer.

Senhor Campos se levantou da cadeira dele abruptamente.

— Êpa, olha como você fala comigo, menina! Você vem me enganando há quase seis meses, Cami, dizendo que estava indo à faculdade, quando na verdade você não foi lá nem um dia se quer! Gastou todo o dinheiro que enviei para você em festas, bebidas e sabe- se lá mais o quê. Vá trabalhar se você quiser dinheiro, porque de mim você não terá mais nem um centavo!

Encolhi-me e supliquei, ainda tentando.

— Por favor, pai?!

Ele me olhou feio.

Não adiantava. Dessa vez, realmente, eu tinha pegado pesado com o velho. Ele estava irredutível e não ia ceder.

Peguei minha mochila e a joguei nas costas com raiva. Não tinha mais o que fazer ali.

— E o castigo não é só isso. Você está proibida de sair de casa por dois meses — avisou ainda.

— O que?! Você está querendo acabar comigo! É melhor me mandar logo para a cadeia.

Cerrou os olhos.

Essa, não! Conhecia aquele olhar, agora eu ouviria um monte. Eu e minha boca grande.

Deu um soco na mesa e começou a esbravejar.

— Como é que é?! Em casa você tem comida, piscina, sauna, seu quarto tem a decoração mais luxuosa e cara que já paguei da casa inteira! Tem todos os eletroeletrônicos de ultima geração do mercado, tv a cabo, pacotes de filmes a hora que quiser, internet ilimitada, iphone novíssimo, e olha que ainda nem cortei a conta do seu celular! Seu closet está abarrotado de roupas, sapatos, acessórios, maquiagens, e uma série de coisas supérfluas a perder de vista, que talvez você nem chegue a usar um dia! Eu não sei mais o que fazer

com você. Pombas! Onde foi que eu errei com você, menina!?

Quando ele parou de falar, respirava com dificuldade, parecia um touro bravo, soltando o ar pelas ventas. Acho até que dessa vez não iria escapar de pegar alguns tapas, apesar de ele nunca ter me batido na vida.

— E tem mais! Seu carro também foi confiscado! — completou, dando-me o tiro de misericórdia.

Ah, não! Ah, não!

Eu queria chorar. Comecei a passar as mãos nos cabelos desesperada.

Ele respirou fundo, balançando a cabeça, parecia estar se controlando, passou as mãos no rosto e continuou, com uma expressão cansada, agora.

— Mas, se você acha mesmo, que tudo que faço por você é tão ruim assim. Sinta-se à vontade. Vá embora. Vá viver com sua avó por algum tempo, para ver se você aprende a valorizar alguma coisa. E eu confesso que ficar um tempo longe de você será muito bom para mim. Muito mesmo, Camila.

Engoli em seco. Suas últimas palavras foram como um soco na minha cara.

Meus olhos arderam, mas eu não chorei. Era algo que não fazia desde quando minha mãe tinha ido embora. Ela saiu de casa para viver o sonho de ser cantora e entregou minha guarda total a ele a cinco anos atrás, quando eu tinha 14 anos. Hoje em dia ela estava lá, no Japão vivendo com o empresário dela, do jeito que lhe dava na telha. Sendo feliz, como ela não conseguiu eu acho, ao lado do meu pai. Ela não queria mais nem saber de mim. Ligava às vezes, mas nunca mais veio ao Brasil.

Que seja muito feliz! Ah!

— Eu não sirvo mais para você, eu não sou mais a "filhinha perfeita do papai", então você está me descartando como minha mãe fez comigo! Pode deixar que não vou mais atrapalhar sua vidinha, com a puta da Núbia!

— Camila!—berrou.

— Tô caindo fora da sua vida, querido papai! — berrei de volta.

Saí da sala batendo a porta atrás de mim com toda força que minha raiva e rancor me permitiam

Eu sou apenas um estorvo na vida dele.

— Camila, você está bem?! — ouvi Paula perguntar da sua mesa, a secretária dele.

O olhar dela era de assustada com meu jeito. Tinha ouvido toda nossa gritaria na sala dele, com certeza.

Ah, que se dane, não é a primeira vez.

Ela era legal, mas eu estava muito chateada, passei rápido por ela e nem respondi.

Saí do prédio e fui logo acenando para os táxis. O primeiro que parou, eu entrei. Assim que me sentei, falei o endereço para o motorista. Ele levou um baita susto, pois não era um lugar perto. Simplesmente, estava indo para a casa da minha avó, na outra cidade.

No caminho, peguei da bolsa o bilhete que a Pri me mandara.

A louca da minha melhor amiga tinha sido presa, junto com o namorado, há algumas semanas. Ela me pedia socorro, mas eu ainda não tinha lhe dado nenhuma resposta, pois não sabia o que fazer para ajudá-la.

Mas agora estava muito motivada a fazer qualquer loucura que me fizesse ocupar a mente por esses dois longos meses, sem grana, que o Sr. Campos me deixou!

Ainda aborrecida, claro, liguei para a avó da Pri.

— Olá D. Selma, sou eu, Cami, tudo bem?

— Oh, Cami, que bom ouvir sua voz menina. Na medida do possível sim, mas como você sabe a Pri ainda está na cadeia,

— É, eu sei. Quando será o próximo dia de visitas? Estou indo para a

casa da minha avó. Vou ficar aí pela cidade uns dois meses pelo menos.

— Sua avó vai ficar muito feliz. Amanhã será dia de visita, minha filha.

Desliguei. Já sabia também que passaria os dois meses só ouvindo conselhos da minha avó.

Ah, eu mereço!

Duas horas depois o táxi parou em frente à casa da D. Vera. Ela era minha avó materna. Eu já tinha morado com ela quando criança, eu e minha mãe, quando ela inventava brigas para se separar do meu pai. Fazia meses que não a visitava.

Entreguei minhas ultimas notas ao motorista e subi a escada de cinco degraus.

A casa dela era simples, mas muito confortável.

A cidade, Paraty, era bem rústica ainda. O lugar era rodeado por árvores, cujas sombras deixavam o local mais tranquilo, parado mesmo. Completamente diferente do aspecto dinâmico e doido da capital.

Cidade do interior, o tempo parece nem passar. Tomara que não seja um porre.

— Cami, que saudade, minha filha. Como vai? — minha avó disse surpresa, ao abrir a porta. Ela me abraçou bem contente, no mesmo momento.

— Bem. Eu também estava com saudade, vó

— E como está seu pai?

Fiz uma carranca e reclamei.

— O mesmo de sempre, muito bem. Até me expulsou de casa.

— Oh, Cami, o que você andou aprontando, filha?

Só fiz encolher os ombros. E balançou a cabeça. Entramos.

Esparramei-me no sofá e ela sentou ao meu lado.

— Uma coisa é certa não estou na cadeia, então não é tão grave.

— Ainda, bem, não siga o exemplo da sua amiga, Pri.

Pri tinha voltado a morar na cidade há um ano na casa da avó com a filha de dois anos. Só que as coisas não ficaram nada boas. Ela começou a fazer besteiras, digamos assim. Ou melhor, começou a fazer merda mesmo.

— Já tô sabendo, Vó. Mas você acha mesmo que ela é culpada?

— Não sei, mas do jeito que esse novo juiz da cidade é rígido, ela corre o risco de ser condenada.

— Só espero que não, Vó.

— Mas vamos falar de coisas boas. E então, o que vamos fazer juntas nesses próximos... — comentou humorada.

— Dois meses — completei fazendo careta.

— Então ele cortou suas regalias por dois meses apenas? — disse sorrindo, parecia até irônica. Ela pegou minha mochila e levou para o meu quarto. Voltou logo em seguida.

— Você acha pouco? Ele é rico, a miséria que ele me dá não faz nem falta a ele, Vó — respondi, colocando meus pés apoiados na mesa de centro.

Ela bateu nas minhas pernas com veemência, forçando-me a tirar os pés de lá.

— Você precisa trabalhar isso sim, fazer uma faculdade, ou então se casar. A juventude não é para sempre, Cami. Eu já te avisei que a vida...

Deitei-me no sofá para ficar mais confortável, já sabia que ela não pararia de falar enquanto não despejasse todo seu arsenal de conselhos em cima de mim.

Ah,nãaaao.

Capítulo 2

Camila

À noite na minha cama, peguei o bilhete da Pri.

Ela o tinha me enviado da cadeia. Precisava pensar no que fazer para ajudar a louca.

"Cami, fui pêga transportando alguns televisores. Eu não sabia que eram produtos roubados. Meu namorado não me disse nada disso! O caso é que o Juiz que vai me julgar é um cara super certinho e tal. Ele não deixa passar uma, o cara é novo na cidade, aí já viu. Minha advogada disse que eu não tenho nenhuma chance. Eu não posso pagar pena, Cami. Eu tenho a Luaninha pra cuidar e minha avó está doente, se acontecer algo de grave com ela, e eu for julgada culpada, minha filha pode ir para um orfanato! Você sabe que o pai dela morreu, eu não tenho mais a quem recorrer."

— Putz, que enrascada ein, Pri? Ah, garota burra! — bati forte no travesseiro.

Continuei lendo o bilhete com as sobrancelhas franzidas.

"Eu só teria chance se fosse outro juiz, ou seja, esse cara teria que sair de férias, ou ser afastado. Agora como que vou fazer isso? Me ajuda, por favor, Cami! Você sempre teve ideais brilhantes. Me dá uma luz!"

Joguei-me na cama, deitando-me de bruços, com a cara enfiada no travesseiro.

Ah, Pri, eu até faço merda, mas você é recordista mundial!

Conhecia aquele ser, desde criança. Nossas avós sempre foram vizinhas e nos momentos de dificuldades e problemas conjugais entre nossos pais, a casa das nossas avós eram as preferidas das nossas mães, então nossa amizade sempre se mantinha forte.

Na mesma época que minha mãe viajou e eu fui morar definitivamente com meu pai, o pai da Pri, que era presidente num grande banco, sofreu um

infarto e faleceu. Um ano depois, sem saber fazer uso correto do dinheiro a mãe, que tinha problemas com bebida, perdeu tudo que o esposo deixou, e elas tiveram então que ir morar definitivamente com a avó da Pri.

Um ano depois a mãe faleceu também. Sem ter as regalias que o pai proporcionava e sem ter como conseguir grana, Pri acabou se envolvendo com pessoas de má índole, namorados criminosos e tudo mais, para conseguir grana. Mesmo contra a vontade do meu pai eu continuei mantendo minha amizade com ela. Ela tinha uma filhinha de dois anos. Pri era um ano mais velha que eu.

Rolei na cama pensando...pensando.

Como vou ajudar essa garota!

Isso sim é um baita problemão!

Sem grana, é impossível! Eu não tenho dinheiro para pagar uma equipe de resgate do crime para tirar a doida de lá! Que, louca! Como essa garota é sem noção. Nossa!

Mas uma ideia mais real, mais eficaz começou a passar pela minha cabeça.

Era tão absurda, que nem eu mesma sabia se teria coragem de colocar em ação.

— Se esse juiz for como estou pensando, gordo, velho e devasso como são a maioria desses caras, principalmente os corruptos, seria até muito fácil. Só eu, que não sei se vou ter coragem de.... Ai que horror! — disse sentindo nojo, só de pensar na coisa toda.

Melhor deixar para pensar nisso amanhã. Preciso saber mais sobre o cara ainda.

Acomodei-me no lado mais fofo da minha cama e dormi.

No outro dia quando cheguei à casa da Pri e vi a avó dela praticamente se arrastando para me receber na sala, tossindo muito e com um febrão de 40 graus e a Luaninha chorando querendo sua mãe, não tive mais dúvida, teria que levar minha ideia adiante, mesmo na atual circunstância. Com nojo e repugnância e tudo, teria que agir imediatamente.

— Você não é minha mãe, cadê minha mãe?— disse a garotinha chorando, ela achava que era ela na porta.

— Luaninha vem cá — chamei.

A menina correu para os meus braços. Carreguei-a no colo, e ela ficou abraçadinha a mim.

Acariciei seus lindos cabelos pretos, enrolados que iam até seus ombros. Toquei no rostinho para que me olhasse. Seus olhinhos de jabuticaba estavam muito tristes. Ela se parecia muito com a mãe.

— Não chore, eu prometo que vou trazer sua mãe de volta. Não importa o que aconteça, vou trazê-la.

Uma ova que deixarei essa menininha linda sem mãe. Aquele juiz safado pode até deixar, mas eu não!

Assim que entrei no presídio para ver minha amiga, fiquei chocada com o local.

Nunca na minha vida pensei que iria num lugar como aquele. Foi de longe a experiência mais grotesca que já tive na vida, até ali.

— Você está péssima, Pri — falei, fazendo careta, olhando ao redor do ambiente pesado.

— Ah, obrigada, amiga. Já você está linda, com seu cabelo bem tratado

de seis mil reais, sua roupa e sapatos novos, seu perfume importado e toda sua grana.

— Grana, que grana, garota? Meu pai cortou minha mesada e todos meus cartões de novo.

Ela arregalou os olhos surpresa.

— Xii, o que você aprontou?

— Não importa. Tenho uma ideia para te ajudar.

— Ai, Cami, qual? Eu já estou desesperada!

— Eu não tenho dinheiro para tirar você da cadeia. Estou zerada! Completamente! Não teria condições de pagar nem um advogado de porta de cadeia para você. Mas eu posso fazer uma coisa, Pri.

— O quê?

— Já disse que vou te ajudar, não preciso dizer como. Só fica calminha por aqui, se é que você consegue nesse lugar horrível.

— Se eu consegui sair dessa, Cami, eu nunca mais vou aprontar essas merdas, eu prometo.

Só fiz torcer a boca. Pelo menos era o que eu esperava.

Afinal, quem vai fazer o sacrifício sou eu, de me envolver com o velho!
Aff!

À noite, mesmo diante dos protestos da minha avó, fui dar uma voltinha pela cidade.

Entrei num espaço bar no centro e me sentei numa das cadeiras do balcão, aguardando que o bar tender terminasse de preparar a bebida do cara a minha direita e me dê sua atenção.

Enquanto isso, olhei ao redor.

Até que o local era arrumadinho, sofisticado.

Estava usando uma minissaia jeans e blusa laranja colada ao corpo, que combinava com meu cabelo comprido, longo cor de fogo, amava meu cabelo. Também usava uma botinha de salto médio. Gostava de look sexy. Minha maquiagem era apenas suave. Não achava que tivesse exagerado na montagem, mas mesmo assim quase todos os homens do local estavam me olhando.

Eu era uma ruiva, com 1,68 de altura, seios fartos e bumbum empinado. Meus atributos sempre me privilegiavam aonde quer que eu fosse. Sempre fui muito assediada pelos rapazes da capital, e aqui então, não seria diferente, dava para ver.

— E aí, Cami, chegou quando na cidade?

Olhei para o rapaz que ocupou o lugar a minha direita.

— Kaio?

Nem conseguia acreditar. Ele era um dos garotos da rua da minha Avó.

Mas Kaio não era mais um garoto. Estava um gato! E muito gostoso! Malhado e tudo!

Seus cabelos pretos estavam compridos, ele não se parecia mais com o nerdzinho, ao contrário, estava um verdadeiro bad boy de arrancar calcinhas.

Pegou-me pela mão, puxando-me do banco, deixando-me de pé.

— Nossa, gata, você está linda — falou olhando-me, com um ar embasbacado. Em seguida, apertou-me num abraço que me fez sentir sua força e seu perfume também.

Enquanto estava nos seus braços, sentindo seu aperto, vi sobre o ombro dele, um rapaz entrando pela porta principal. Este me fitou também e nossos olhos se encontraram. Os deles eram de um azul cor de mar, os mais intensos que já vi.

Ele tinha cabelos dourados, medianos e suavemente ondulados. Era alto,

devia ter mais que 1,85m. O homem estava muito bem vestido, com camisa social cinza, calça preta e sapatos da mesma cor, caros. Era um cara, sofisticado e muito bonito. Não dava mais que 30 anos para ele.

Não sou de me envolver com caras mais velhos, mas esse não teria como resistir.

Que Homem! Uou!

— Então, veio para ficar? — ouvi Kaio perguntando. Voltei-me para ele, e lhe dei atenção.

Dei-lhe um beijinho na bochecha, desculpando-me.

— Oh, desculpe meu lindo. Não, só por dois meses.

— Poxa que pena, mas podemos nos divertir muito enquanto isso — falou com um sorriso malicioso.

Sorri de volta, compreendendo.

— Claro, gato.

Ele sorriu de volta e pegou minha mão, beijando-a.

— Quer beber alguma coisa?

— Sim— respondi, procurando com os olhos, o gato que tinha entrado.

Kaio, então pediu nossas bebidas ao bar tender.

No entanto, esse já estava saindo de trás do balcão.

— Só um momento Kaio, vou levar o pedido do Juiz Marcus Henrique, que acabou de chegar, mas já volto — disse, passando por nós com uma bandeja com a bebida.

Engoli em seco quando ele disse que o cara era Juiz.

Não! Será?!

Segui seu caminho, e ele colocou a bebida na mesa do gatão gostoso que tinha acabado de entrar.

Voltei-me para o Kaio e perguntei, como quem não queria nada.

— Nossa, um juiz no bar, isso sim é difícil de ver.

— O Juiz é um cara diferente. Ele vem aqui às vezes, fica um pouco e depois vai embora. Deve ser um porre a vida dele, é jovem, mas já é viúvo — respondeu normal.

— Ah — comentei. Olhei de soslaio para a mesa do juiz — E ele é o único Juiz da cidade?— perguntei.

— Sim, nossa cidade é pequena, aqui não é a capital, Cami.

Quando o bar tender voltou, pedimos nossas bebidas e ficamos conversando. Eu no entanto, respondia apenas em monossílabos, estava muito interessada no cliente da mesa perto da nossa.

Notei que em menos de meia hora ele saiu. Olhei para Kaio e perguntei, maliciosa:

— E então, como é que se diverte nessa cidade?

Agora, precisava saber tudo sobre o Juiz.

Depois de bebermos algumas. Percebi que ele já estava bem legal, puxei-o pelas mãos para sairmos do bar.

Entramos no seu carro, e ficamos dando uns amassos lá.

Entre beijos e gemidos, fiquei sabendo tudo que queria sobre o Juiz Marcus Henrique.

Ele morava só num condomínio ali próximo, era viúvo e não tinha filhos. A esposa sofreu um acidente, ela estava grávida e ela e o bebê morreram. Coisa triste.

Kaio me disse também, que sua casa era grande, que possuía alguns empregados e tinha vários cachorros de estimação.

De repente, ele me convidou para irmos a um motel, mas consegui convencê-lo a me deixar em casa.

Quando voltei, já eram duas da manhã. Minha avó abriu a porta com uma cara super chateada e disse que de manhã conversaríamos. Encolhi os ombros

e entrei. Ela não sabia que eu tinha uma missão, que parecia ser bem menos asquerosa, agora .

De manhã, depois de ouvir um monte da minha avó, vesti-me bem simples, amarrei os cabelos e nem passei maquiagem, o que era raro, mas precisei, fazia parte do meu plano. Peguei minha antiga bicicleta que ainda estava em ótimas condições na garagem e fui até o centro da cidade de novo, que era bem perto do nosso bairro. Estava indo rumo à casa do Juiz.

Cheguei em frente ao condomínio de casas e me aproximei da portaria. Kaio havia contado também, que sua tia Íris trabalhava como governanta na casa do Juiz.

— Oi, gostaria de falar com Íris, a governanta do Juiz Marcus Henrique. Uma conhecida dela me disse que estão precisando de uma empregada na casa? — perguntei ao porteiro. Usei uma voz bem boba, e lhe dei um sorriso encantador, bati até as pestaninhas.

— Ah, você veio para o emprego, qual seu nome princesa?

Ôpa! Que sorte!

Pensei dois segundos e respondi.

— Alexia.

Era o nome de cantora da minha mãe.

Ele ligou para a governanta e dois minutos depois eu já estava na frente da casa do Juiz.

A mulher abriu a porta e me analisou dos pés a cabeça. Ela até que era bonita. Não tinha cara de bruxa, como imaginei que fosse.

— Como vai Alexia? Sou a Sra. Íris, a governanta.

— Vou bem, muito prazer, senhora Íris.

— E então, Alexia, como ficou sabendo da vaga?

— Soube por uma amiga que trabalha numa casa aqui. Eu já trabalhei na casa de uma senhora na capital, aqui está a carta de recomendação — falei sorridente, com um ar de garota pura e ingênua, entregando-lhe o papel. Ela o analisou, atentamente.

Eu havia feito a carta de manhã e liguei para a secretária do papai, Paula, instruindo-a para que caso recebesse uma ligação, pedindo referências minhas, confirmasse que trabalhei com ela, como sua empregada doméstica.

Paula nem me questionou nada só disse que estaria aguardando a ligação da minha futura patroa. Ela me devia uma, afinal, quem fez com que papai a contratasse para a empresa foi eu.

Ano passado, eu estava saindo da sala dele, depois de mais uma discussão e a vi triste no corredor da empresa depois de uma entrevista com ele. Perguntei qual era seu nome. Voltei na sala dele e troquei os currículos, assim o que foi enviado ao RH para contratação foi o dela. Depois, disse a ela que esperasse tranquila em casa, que ela seria contratada. Agora ela era a secretária do meu pai.

A governanta terminou de ler a carta, pediu que eu esperasse na sala e seguiu para o corredor.

Enquanto a esperava, fiquei analisando o lindo ambiente ali. Era uma casa grande. A sala era como a da casa do meu pai. O local era todo decorado com cores frias e móveis no estilo moderno. Não era como um palácio, mas era bem perto.

Realmente o tal Juiz tinha até bom gosto, e com certeza, muito dinheiro também.

Propina, será?

Observei alguns porta-retratos num aparador ali próximo e me aproximei, pegando um deles. Era o cara do bar, mas ele estava mais jovem

na foto. Estava abraçando uma jovem, de uns vinte e seis anos. Ambos sorriam, pareciam muito felizes.

Sra. Íris voltou e limpou a garganta atrás de mim, chamando minha atenção. Coloquei o porta-retratos de volta no lugar rapidinho, voltando-me para ela.

Sorri, ingênua.

Ela disse.

— Então, Alexia, a sua patroa antiga disse que ficou muito satisfeita com seu trabalho e conduta na casa dela. Ela me disse até que a tem como uma filha.

Que? A Paula pegou pesado, agora.

Êpa, será que? Ela tá a fim do velho. Xiii, vai sofrer.

Mas seria um caso a se pensar. Antes a Paula como madrastra que a puta da Núbia, que se amarra em me esnobar e criar intrigas, aff!

— Com isso, por sua ótima conduta, queremos seus serviços. No entanto, não é emprego efetivo. A funcionária responsável pela limpeza está de licença. Por isso o trabalho será por apenas alguns meses, três vezes por semana e também nos dias que acontecerem eventos na casa. O trabalho interessa a você?

— Sim, com certeza Sra. Íris. Vou ficar muito feliz em trabalhar aqui.

Ela me levou para conhecer as outras dependências da casa e me instruiu quais tarefas seriam da minha responsabilidade.

Apenas faxinas nas suítes, nas salas de estar, de tv, e de jogos e cuidar dos cachorros quando o jardineiro estivesse muito ocupado.

— Aqui tem sala de jogos? — perguntei surpresa.

— Sim.

Nossa, que interessante.

— Você mora próximo daqui? — perguntou.

Respondi o nome do bairro tomando cuidado de não dizer o endereço certo da casa da minha avó.

Ela me disse que naquela noite aconteceria um jantar, por isso da contratação urgente também. E me disse que eu precisaria estar lá a partir das 18:00h, para ajudar os outros empregados a organizar o espaço gourmet e a área da piscina para o evento.

Fui rápido para casa e pedi algumas instruções a minha avó de como servir gente fresca nas festas. Ela já tinha trabalhado como atendente num restaurante e como empregada doméstica quando era mais jovem. Achou estranho minha curiosidade, mas não me questionou, ainda bem. Se ela descobrisse o que eu tinha em mente, mandaria me interditar.

Cheguei ao trabalho às 18:00 h em ponto, como me comprometi.

Meus cabelos estavam presos num coque. Coloquei um vestido simples e leve e uma rasteirinha. Detestava ter que me vestir daquele jeito, mas fazia parte do meu plano.

Acionei a campainha e esperei pela Sra. Íris.

Porém, a pessoa que abriu a porta, não foi a governanta.

Foi o Juiz Marcus Henrique Toledo.

Capítulo 3

Camila

Quase tive uma síncope quando o vi.

Nunca fui uma garota discreta, então, meus olhos percorreram todo seu corpo.

Ele estava vestido em traje esporte fino, com um blazer preto, camisa branca, calças jeans e sapatos pretos. Seus olhos azuis eram lindos, ele parecia surpreso também e um sorriso suave nasceu no canto de sua boca. Que homem delícia ele era. Uau!

— Pois não senhorita? — perguntou com sua voz grossa. Só aquele timbre, com certeza, já deixava as mulheres loucas para tirarem as roupas, quando falava ao pé do ouvido delas.

Ele simplesmente era um príncipe, o deus grego Apolo, o belo grego Adônis, Leandro, um rei espartano, romano, sei lá que termo de beleza masculina usar. Só sabia, sem dúvida nenhuma, que ele era lindo demais!

Que homem é esse! Apaixonei-me! Aliás, já sei o que ele é: Um deus nórdico, muito bronzado e gostoso!

Fiquei completamente sem fala.

E olha, Camila, para que você fique sem fala, a coisa tem que ser muito séria mesmo!

A Sra. Íris é quem veio ao meu socorro.

Ela apareceu ao lado dele na porta. Pediu que eu entrasse e me apresentou ao juiz como a nova empregada da casa.

— Prazer Srta. Alexia. Seja bem-vinda. Espero que goste de trabalhar aqui conosco — ele disse suavizando sua voz autoritária nata. Apertou minha mão.

Senti sua força na ação e respirei fundo, minha intimidade ficou até quente.

Nossa. Parece que essa minha missão vai ser prazeroso, aqui com você seu Juiz humm...

Oh, juiz arranca calcinhas da porra!

Depois do cumprimento, a campainha tocou novamente, ele foi até lá atender, e a governanta me guiou para uma porta que dava acesso aos fundos da casa, onde aconteceria o evento.

Quando chegamos lá, ela me instruiu que como eu era empregada da casa agora, deveria entrar pela ala dos empregados.

Ah! Essa é boa!

Ela me levou até o espaço gourmet, onde estavam os outros empregados da casa e apresentou-me a eles. Ao todo, eram 4 pessoas, contando com ela: A cozinheira, Marta, uma senhora muito sorridente e gordinha; Sara, uma jovem bem tagarela, morena e baixinha, que lavava e passava as roupas da casa, inclusive as do Juiz; e Elliot, um rapaz simpático, mas um pouco tímido, responsável pela limpeza dos pátios, piscina, por cuidar do cães e do jardim da casa.

Logo depois da reunião de empregados, começamos logo a organizar o local para o evento. Eu já usava o uniforme na cor cinza claro e uma sapatilha branca, padrão dos empregados, que ela me deu. A roupa ficou um pouco curta em mim, mas nem me preocupei, roupas curtas sempre foram minhas preferidas e até que o modelito não era tão ridículo.

Às sete da noite, terminamos de organizar tudo.

Em seguida, a Sra. Íris repassou a atividade que cada um executaria durante o jantar. Sara e eu ficamos responsáveis por servir os petiscos.

O local ficou logo cheio de convidados. Passamos a servi-los. Durante isso chamei alguns palavrões em pensamento para Pri, por me colocar numa situação daquelas, afinal, em casa nunca toquei numa vassoura e muito menos lavei um copo! Só fazia mesmo na casa da minha avó e sob muitos

protestos, meus claro. Ela sempre me obrigava a fazer, dizia que em sua casa todos tinham que trabalhar.

Durante o trabalho, até que senti algum prazer, era divertido. Isso porque, os empregados eram alegres e interessantes. Bem parceiros mesmo.

Os convidados do Juiz eram senhores e senhoras bem mais velhos que ele e alguns rapazes e moças, um pouco mais velhos, alguns eram da minha idade também. Enquanto servia estes, eles ficavam jogando suas cantadas em cima de mim, mas eu não dei bola para nenhum, já estava acostumada com esses tipos.

Bando de mauricinhos, filhinhos de papai, vão se ferrar!

Eu curtia mais os bad boys, rebeldes e motoqueiros.

Os olhos dos senhores mais velhos também não saíam de cima de mim, pareciam querer me devorar inteira.

Rolei meus olhos torcendo para que aquele martírio de festa acabasse logo.

Ah! Pri, se você não fosse minha amiga, não tivesse uma filhinha linda e uma avó muito doente, eu jamais faria uma coisa dessas. Nunca, mesmo!

Procurei o Juiz com os olhos e o vi rodeado por algumas moças mais velhas do que eu. Ele não parecia ser um cara de muita conversa. Dava-lhes atenção, porém, logo voltava a se movimentar entre os outros convidados.

Êta! Bando de oferecidas! Aff!

Voltei-me para a área da piscina, andando um pouco para perto da borda.

Essa música é terrível! Isso aqui tá morto!

Se eu estivesse em casa, nas festas do meu pai, meu lugar, com certeza, seria aí dentro dessa piscina, como sempre faço. Animar as festas do Sr. Campos. Ah, isso é comigo mesmo! Pena que depois ele quer me trucidar.

Comecei a me abanar com os lenços que estavam na minha mão. Estava sentindo um calor insuportável. A noite estava quente. Queria logo ir pra casa

tomar um banho, mas não podia, precisava ficar ali e servir os convidados do juiz!

Percebi um movimento ao meu lado, mas nem me incomodei, devia ser mais um dos engraçadinhos pedindo petiscos para puxar assunto comigo.

— A noite está muito quente hoje, não é mesmo Alexia.

Aquela voz!

Levei o maior susto quando ouvi seu sussurro tão perto de mim. Voltei-me rápido para olhá-lo e pela ação impensada, a bandeja de petiscos derramou quase toda em cima dele.

Merda!

Abri minha boca desesperada. Agi imediatamente.

Passei a mão pelo peito dele, barriga e um pouco abaixo, no início de suas calças, com intuito de limpá-lo.

Eita, a coisa aqui é bem longa!

Ah, minha nossa o que é que estou fazendo, pegando no pinto do cara!!

Ele ficou me olhando sério, mas seus olhos brilhantes me diziam que estava se divertindo com o meu jeito atrapalhado com ele.

— Perdão, senhor Juiz, eu ... — engoli minhas palavras, completamente hipnotizada com aqueles olhos azuis belíssimos sobre mim. Consegui desviar o olhar e me abaixei para recolher a sujeira do chão, espalhando os lenços de papéis por todo canto.

Merda! Merda!

Ele se abaixou também, queria me ajudar.

Nesse instante, a Sra. Íris apareceu, não sei de onde. Ela parecia aflita com um saco plástico, uma vassoura e uma pазinha de limpeza nas mãos.

— Não se preocupe Sr. Marcus Henrique, deixe isso comigo e a Alexia. Vamos limpar tudo.

Ele ficou de pé e o acompanhei também, rápido. Dessa vez evitei seus

olhos azuis.

— Oh, minha nossa, sua roupa, senhor Marcus, sujou muito — ela disse com seu jeito exagerado.

Ele balançou a cabeça, com uma risada discreta, fazendo pouco caso do ocorrido.

— Não se incomode, Íris. Só preciso trocar por outra.

— Alexia, vá para a cozinha, lave suas mãos e continue servindo os convidados. Que menina atrapalhada! — ela disse, repreendendo-me.

Mal ela acabou de falar, fui correndo para a cozinha.

Um tempo depois, quando voltei para a área da piscina com a bandeja de petiscos, vi o juiz do outro lado da piscina, conversando com alguns convidados. Ele já tinha trocado a roupa e estava usando um blazer azul marinho, camisa branca e calça jeans azul escura agora.

Ah! Esse juiz é de tirar o fôlego.

Mas nem morta que chego mais perto dele.

Aliás, não foi nem eu que cheguei perto do cara, ele que estava bem próximo de mim, senão eu não teria feito aquela merda toda.

Ôpa! Então...

Um sorriso sem vergonha surgiu no canto da minha boca quando concatenei tudo.

Ele é quem estava quase colado em minhas costas.

Sabe-se lá há quanto tempo ele me observava?

Soltei meus cabelos, empinei mais meu bumbum e comecei a servir os convidados de novo, sentindo-me a tal.

Os homens não resistem a mim. Nem o juiz delícia, Uhuuu.

Alguns rapazes se aproximaram e eu lhes servi os petiscos mais animada, agora. Quando me afastei, eles assoviaram e eu passei a rir.

Ah, Garotos!

—São só garotos... — cantarolei.

Vi o Juiz em outra mesa com seus convidados, olhando-me.

Ah! Homem! Isso sim é um homem com H maiúsculo, ele não tem nada de garoto!

Assim que me aproximei dele, carreguei mais no sorriso. No entanto, uma loira nojenta, que pelo jeito tinha acabado de chegar, lançou-se nos braços dele.

Êpa! Mas quem é essa zinha agora!?

Dei meia volta e fui para a cozinha um tanto aborrecida.

Assim que entrei lá, encontrei Sara sentada, descansando um pouco. Estava aproveitando que a Sra. Íris servia as bebidas com o pessoal contratado lá fora.

— Ei, Alexia, seu primeiro dia já começou bem ein, até já jogou a bandeja toda de petiscos em cima do patrão — disse rindo, tirando sarro da minha cara.

— Putz, o cara parecia um fantasma, nem vi que ele estava tão perto de mim — respondi fazendo careta pra ela.

Ela continuou rindo. Depois se aproximou e falou baixinho.

— Menina, não sei o que você tem, mas os caras da festa não tiram os olhos de você, inclusive ele.

— Sério?! — fingi ingenuidade, jogando os cabelos. Dois ou três até que não eram de se jogar fora, mas o juiz era o mais interessante de todos, óbvio!

— Verdade, menina. Ele ficou te olhando direto, desde o início da festa, enquanto você servia os convidados, e acho que não é só por causa do seu vestido curto não, acho que são esses seus cabelos cor de fogo, tão diferentes — disse fazendo um olhar malicioso, bagunçando um pouco minhas mechas.

Ri. Depois, ela me puxou pelo braço, levando-me até a porta para que pudéssemos olhar as pessoas ao redor lá fora, na piscina. Apontou

disfarçadamente a mesa onde ele estava sentado agora, com três mulheres e dois rapazes. A loira ao lado do juiz parecia uma matraca e não parava de gesticular.

— Essa loira nojenta aí, é a ex dele — explicou.

— Ex. Hum, sei. — comentei olhando para o lugar onde eles estavam, mas depois desviei para o outro lado da piscina, quando ele olhava em nossa direção, disfarçando meu papo com a Marta.

— É, mas é esse tipo de ex, que enquanto ele tiver vontade pode levar para cama quando quiser. Mas ele não tá nem aí para ela — falou fingindo que estava arrumando os petiscos na bandeja.

— Ah, entendi. É tipo, “amor, não precisa ficar comigo, fode-me quando quiser, eu deixo”

Sai pra lá, loira nojenta! Oferecida!

Ela riu e depois continuou.

— A senhora de azul é a mãe dele e a moça é a irmã. O rapaz mais jovem e o outro, mais velho, de cabelos pretos são seus primos. Este último é defensor público na cidade, chama-se Joseph, é solteiro como o juiz.

Sabia que o advogado da Pri era mulher, logo não era aquele ali.

— Eu já trabalho aqui há quase um ano e nunca vi ele olhando do jeito que olhou pra você para nenhuma das mulheres que frequentam as festas dele.

— E o que você quer dizer com isso? — perguntei limpando uma sujeira inexistente na minha roupa e com um sorriso ingênuo nos lábios.

Ela me beliscou no braço e disse travessa.

— Que em breve você vai terminar na cama dele, danadinha.

—Ai! — gritei baixinho, puxando meu braço, do seu ataque, fingindo dor.

Ah, minha querida, bem que eu queria, e como! Mas tenho uma coisa um

pouco mais importante pra fazer do que isso. Prendê-lo na cama dele e tirar algumas fotos e enviar para o jornal mais próximo, e quem sabe assim, afastá-lo do cargo dele. Infelizmente, essa é minha missão. Porque senão fosse,...ah...esse juiz conheceria Camila Campos...ah e como conheceria...

— Isso seria impossível, pois ainda sou virgem e prometida a um indiano desde criança — respondi fingindo pureza, com uma vozinha fina.

Ela me acertou um tapa na bunda rindo muito.

Caí na risada também. Fitei o juiz e nossos olhares se encontraram. Ele desviou o olhar primeiro.

— E ele costuma dar muitas festas aqui? — perguntei curiosa.

— Que nada, quem faz questão das festas é a mãe dele. Ela inventa esses eventos frequentemente, convida algumas moças para ver se ele se anima. Não sei se você sabe, mas ele é viúvo há pouco mais de um ano, praticamente, o tempo que está na cidade.

É eu sei, sinto muito, mas ele vai precisar se afastar em breve, ou então a Luaninha vai ficar sem mãe e irá para um orfanato! Merda! Meu plano tem que dar certo!

— Ele gosta de beber, não é? — comentei observando que ele já tinha tomado algumas doses e taças de champanhe durante a festa.

— Já notei que ele exagera um pouquinho na bebida também. Parece que desenvolveu o hábito depois que ficou viúvo. Foi bem traumático a situação para ele. Afinal, perdeu a família toda no acidente de carro. A esposa estava grávida.

— Eu soube... — antes de terminar o comentário, vi D. Íris voltando para a cozinha.

— Lá vem a Sra. Íris, hora de voltar ao trabalho! — ela disse apressada.

Corremos as duas para a mesa de petiscos e reabastecemos as nossas bandejas.

No final da festa, depois que todos os convidados já tinham ido embora, a governanta liberou os empregados, só eu que fiquei para ajudá-la a arrumar a área da piscina.

Notei que a ex do Juiz já tinha ido embora também como todos os outros convidados. Isso significava que ele não teria companhia para aquela noite. Ou seja, a noite estaria livre para que eu pudesse agir.

Enquanto organizava as mesas no espaço gourmet. Ele veio falar comigo.

— Você ainda está por aqui, Alexia? — perguntou virando mais uma taça de champanhe.

Assustei-me com sua presença, mas dessa vez de propósito.

Ele sorriu.

Uou! Que lindo!

Pegou outra taça de champanhe e ficou me olhando.

Respirei fundo, refazendo-me e coloquei um sorriso suave nos lábios.

Voltei-me para lhe dar total atenção.

— Sim, Sr. Marcus Henrique. Fiquei terminando de arrumar as mesas. A Sra. Íris me disse que deveríamos deixar tudo organizado. Ninguém trabalha final de semana.

Seu olhar correu sobre mim inteira, de um jeito até meio descarado. Mas era um olhar um pouco pesado também. Talvez estivesse bêbado.

Ôpa! Isso vai ser bem fácil, ou seja, meu plano tem tudo para dar certo.

— Não precisa se preocupar com isso — disse, levantando-se de repente. Ele serviu mais uma taça de champanhe, aproximou-se de mim e me entregou — Aproveite a noite, Alexia. E não precisa me chamar de senhor, pode me chamar de Marcus — seu olhar era pesado e malicioso também.

Nossa! Ah, se eu pudesse seu Juiz humm...

Respirei fundo, dessa vez para sentir seu perfume gostoso.

Continuou me olhando. Sua virilidade me atraía e muito.

Encarei seus olhos azuis, senti a carga sexual evidente entre nós.

Era bem diferente do que sentia com os rapazes com quem me envolvia.

O Juiz Marcus Henrique era um homem de tirar o fôlego de mocinhas, senhoras, e tudo mais. Sentia-me até nervosa, talvez não fosse isso, era mais, temerosa perto dele.

E eu não sou de sentir essas coisas!

— Obrigada pela bebida, mas vou continuar chamando-o de senhor, mesmo, prefiro assim — falei batendo a taça na dele, encarando-o sedutora, porém dando uma de difícil. Tomei a bebida de uma vez só, e saí do local. Depois fui a procura da governanta, que já me chamava de algum lugar nos fundos do terreno.

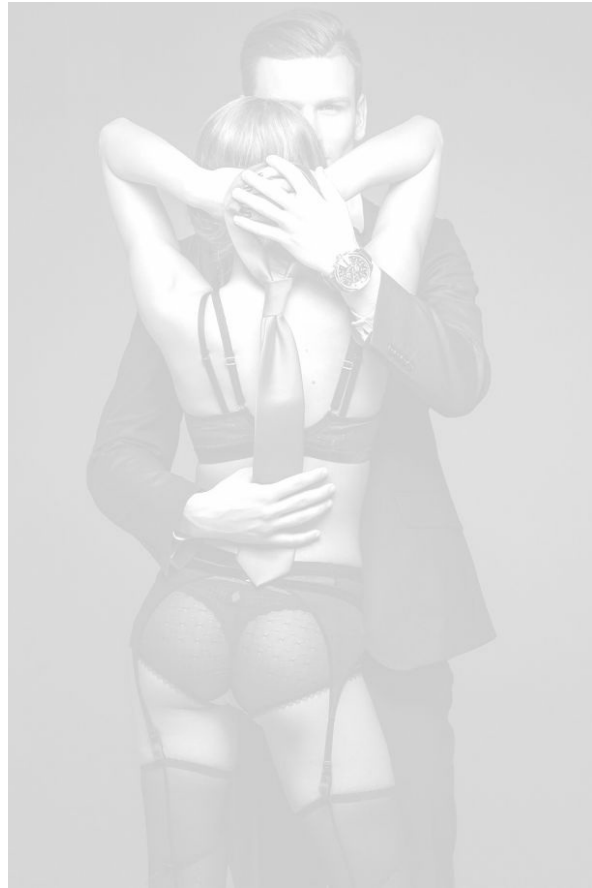
Disposta, então, a colocar meu plano em ação naquela mesma noite, pedi a governanta para dormir na casa, dando a desculpa de que já estava muito tarde para voltar de bicicleta para casa. Ela concordou na hora.

Em seguida a acompanhei a uma outra parte da casa, que ficava depois da piscina. Era a ala de empregados, com dois quartos e um banheiro.

Ela me entregou algumas roupas de cama e depois foi para o seu quarto.

Entrei no banheiro que era comum aos dois dormitórios e depois que terminei meu banho voltei para o quarto. Coloquei meu vestido de tecido fino e fiquei sem calcinha, pois tinha esquecido de levar uma de reserva.

Esperei um tempinho, até que ela pegasse no sono, no seu quarto. Alcancei a sacola pequena de tecido que levei com a algema e alguns brinquedos eróticos. Peguei meu celular, abri a porta devagar e saí.



Capítulo 4

Camila

Desci as escadas e fui para a área da piscina. A noite estava muito quente. Fiquei parada olhando aquela água fresquinha, senti até vontade de me jogar lá dentro, mas resisti e fui para a entrada da casa principal.

A porta de vidro, que dava acesso à área gourmet estava destrancada, abri-a.

Entrei e parei um pouco, indecisa.

Não sabia se procurava pelo quarto do Juiz ou ia antes na sala de jogos.

Estava louca para conhecê-la.

Decidi, que iria lá rápido só dar uma olhadinha, depois seguiria atrás do Juiz.

Bêbado como estava, já devia até ter dormido.

Meu plano era ir até seu quarto, colocar a algema nele, espalhar os brinquedinhos perto e tirar as fotos. Acho que isso convenceria muita gente que ele era sacana, um devasso.

O que eu pretendia, era errado para caramba, porém, mais errado ainda, era a Luaninha ficar sem mãe!

Quer saber Camila, vai logo para a sala de jogos!

Ai, ai, não valho nada, mesmo.

É meu mal, fazer loucuras, colocar tudo a perder.

É que não adianta, sou assim. Não resisto!

Passei a procurar a sala de jogos.

Quando encontrei o lugar, liguei as luzes.

Respirei fundo e soltei o ar devagar, completamente impressionada com a sala.

— Uou! Que parada louca! Isso que chamo de sala de jogos.

O local era fantástico, tinha boliche, três bancadas de jogos, caça niqueis,

videogames com poltronas em forma de carrinhos e motos, mesa de bilhar e uma série de outras mesas de jogos.

Olhei para o corredor e decidi desligar a luzes do lugar. Como a parede era de vidro, as luzes lá de fora davam alguma iluminação no local, isso me deixava mais segura também.

Liguei a lanterna do celular para melhorar a claridade, peguei uma das bolas de boliche e comecei a jogar. Quando me cansei, sentei-me numa das poltronas de jogos de corrida que eu adorava e fiquei por lá.

Em seguida fui para o caça níqueis.

Estava tão empolgada no lugar que nem me importei com a barulheira toda que fazia.

Quando já usava a mesa de bilhar, alguém entrou na sala e ligou as luzes.
Putz!!

Tinha me esquecido completamente onde eu estava.

Engoli em seco e comprimi os olhos.

Desliguei a lanterna do celular, coloquei o taco de volta em cima da mesa. Voltei-me devagar para a porta de entrada.

A Sra. Íris vai me matar.

Mas não era ela.

O Juiz Marcos Henrique me olhava de lá com uma das sobrancelhas meio arqueada. Sua expressão era de surpresa.

Seus cabelos estavam numa bagunça sexy. Ele estava de calça jeans apenas, o primeiro botão estava até aberto, parecia ter colocado a mesma, às pressas. Estava descalço.

O cara era uma delícia de forte, seus braços eram musculosos, o tórax, malhado e a barriga de tanquinho era fascinante. Ele parecia meio bêbado, mais não totalmente. Apenas seu olhar estava pesado.

Lindo, né, só isso. Caramba!

Perdi o ar.

—Alexia?—perguntou dando um passo na minha direção.

Não saiu uma palavra da minha boca.

Comecei a me estapear em pensamento tentando reagir. Só que eu sabia que esse não era um dos caras comuns e até quase moleques com quem me meti. Este era um homem de verdade. E um baita de um gostoso de um Juiz.

E esta é a casa dele! Doida!

— Sr. Marcus Henrique — consegui balbuciar.

Ele se aproximou mais de mim.

Respirei fundo e fiquei aguardando o que ele ia dizer. Será que ouviria um monte agora?

Provavelmente.

Ele chegou perto da mesa de bilhar e jogou um dos tacos para mim.

— Você ia jogar?

Refiz-me na hora. Não acreditando.

Peguei o taco e forcei um sorriso, esperando que ele começasse a próxima jogada.

Ele passou as mãos nos cabelos bagunçados e se posicionou, mirando com o taco uma das bolas. Mesmo com seu olhar pesado, ele acertou a caçapa tranquilamente.

Franzi a sobancelha.

O cara é bom!

Ele olhou para mim, indicando que era minha vez.

Posicionei-me, curvando-me sobre a mesa um pouco para mirar bem a bola, quando a acertei com o taco ela não entrou.

Droga!

Voltei a minha posição, meio contrariada, ele estava bem ao meu lado.

Marcus sorriu para mim muito à vontade. Posicionou-se de novo, ajeitou

o taco e acertou a bola mais uma vez.

Acertou de primeira, claro.

— Você é bom — falei impressionada.

Minutos passaram e não acertei nenhuma bola.

Talvez seja pelo fato de estar nervosa com ele assim, só de calça jeans semiaberta, e tão perto de mim.

— Quer uma ajuda aí com as suas bolas? — perguntou.

Balancei a cabeça positivamente.

Ele estava com cheiro de álcool. Mas não parecia suficientemente bêbado para o que eu pretendia fazer quando fosse no seu quarto. Ou seja, agora já era. Teria que fazer de outra forma.

De repente ele se posicionou atrás de mim, colocou o taco ao meu lado, em cima da mesa.

Segurou-me pelo ombro.

Êpa!

— Deixe o corpo ereto, assim — orientou.

Êpa! Êpa!

A seguir, ele segurou-me pela cintura.

— Curve um pouco para trás, Alexia.

Só que fiz rápido e fui contra sua virilha.

— Não muito — disse, com a voz meio rouca.

Disfarcei um sorriso.

Como estava sem calcinha, pude sentir seu volume. Pela protuberância, talvez estivesse sem cueca!

Minha nossa! E não é nada pequeno. Uou, que delícia.

Ele se curvou sobre mim. Fechei meus olhos, controlando minha respiração.

— Segure o taco, assim e aponte para a bola — instruiu com a voz ainda

rouca, posicionando minha mão no taco.

— Agora, acerte a bola na caçapa.

Fiz o que ele pediu. Durante a ação segurei o ar e não mexi um músculo.

Acertei a bola com o taco, e ela rolou, entrando de primeira na caçapa.

Sem conseguir me conter, movimente-me empolgada, esfregando meu bumbum na virilha dele de novo.

Ôpa!

A ação o fez gemer. Foi então, que ele me fez voltar-se para ele, devagar.

Nossos olhos se encontraram.

Nossas respirações aceleraram.

Nossos lábios se aproximaram.

Abri minha boca e ele e me invadiu, explorando-me sedento, possessivo, com sua língua. Seu sabor estava misturado com álcool, e isso tornou o beijo mais delicioso ainda.

Quando Marcus me soltou, já estava bêbada de desejo por ele.

Minha nossa, que homem é esse! Eu quero esse juiz delicioso para mim!

Parecendo ouvir meus pensamentos ele me enlaçou pela cintura, colocando-me sobre a mesa e ficou entre minhas coxas. Atacou minha boca de novo, eu já estava encharcada, com o centro em chamas, ansiosa por ser tocada lá. Enlacei-o com as pernas, imediatamente, finquei os dedos no seu couro cabeludo de fios dourados e macios.

Ele desceu seus beijos pelo meu colo. Abriu rápido os botões da parte de cima do meu vestido, puxou o tecido do ombro para baixo e expôs meus seios para ele.

—Você é linda, Alexia. Eu estava louco para te beijar na boca e agora vou te beijar aqui, nos seus lindos seios.

Seu olhar era faminto. As pedras azuis estavam flamejantes de desejo. Sua fisionomia nesse estado era envolvente, uma delícia!

— Então vem me provar Sr. Juiz — pedi ousada, oferecendo meu colo para ele.

— Não me chame assim. Meritíssimo é melhor, Alexia, minha ruiva, prefiro ouvir isso da sua boca — ordenou, rosnando baixo.

Concordei com um sorriso sacana e imediatamente ele me levou mais ao seu encontro, fazendo-me sentir seu volume na calça. Meu íntimo vibrou, louca por senti-lo sem a maldita peça.

— Ah, meritíssimo — gemi na sua boca.

Ele, então, tomou meus seios na boca de um por um. Primeiro circulou meus mamilos e depois os chupou suavemente, intensificando em seguida o movimento com sua boca. Enquanto ele me provava dessa forma eu gemia, jogando a cabeça para trás.

— Humm, Hummm.

Quando ele parou, segurou-me pela nuca e me fez olhar dentro das suas pedras ardentes. Ele estava ansioso.

— Você ainda é virgem?

— Não. Com certeza não — respondi rápido.

— Já tem mais de dezoito anos?

— Sim, cara.

Fez um lindo torcer de boca, satisfeito.

Marcus atacou minha boca de novo e começou a deslizar a mão pelo meu corpo até alcançar meu centro.

De repente, ele se assustou, pois percebeu que eu estava sem calcinha.

— Oh! Nossa! Você está sem calcinha, Alexia.

Achei uma delícia sua expressão, ela o tornou tão jovem quanto os garotos com quem já tinha ido para cama. Mas não podia negar que nunca me senti tão à vontade com outro como estava com ele, vai ver que era porque dessa vez, eu não estava bêbada.

— Esqueci de trazer uma de reserva quando vim trabalhar — expliquei com inocência.

Ele rosnou e voltou a me beijar sôfrego.

Passou então a acariciar-me lá suavemente com os dedos. Eu gritei na boca dele deliciada, com seu toque. Ele o fazia na medida certa.

— Ah, meritíssimo.

— Vamos para o meu quarto — falou ansioso, sem tirar a boca da minha.

Circulei, imediatamente, minhas pernas em sua cintura.

Eu era bem mais baixa que ele, e leve, então, não teve dificuldade nenhuma em subir as escadas comigo. Na realidade, ele o fez tão rápido que quando percebi, já estava de costas na cama dele, com o peso do juiz sobre mim.

Ele me fez levantar os braços e retirou meu vestido. Fiquei totalmente nua.

Marcus olhou meu corpo inteiro e suspirou com sua incomparável expressão de predador.

— Linda! Você é muito linda, Alexia.

Abri meus braços para ele e ele veio sobre mim, beijando-me intensamente.

— Você está com muita roupa — reclamei quando ele me deixou respirar.

Semicerrei meus olhos, louca por vê-lo nu logo. Passei a abrir a braguilha de sua calça. Comprovei que ele estava sem cueca, mas acima de tudo que “não estava diante de uma visão”.

Ele era realmente muito grande! Enorme!

Uou, meritíssimo!

Seu mastro surgiu glorioso para mim.

Era sim, muito grande, o que eu tinha ali? Uns 22 cm!

Minha santa periquita, isso é sério!

Será que estou sonhando, ou eu estou aqui mesmo com um verdadeiro deus nórdico bronzeado, um Thor em minhas mãos. Uou!Uou!

Que é isso Sr. Meritíssimo!

Eu tinha 19 anos, deixei de ser virgem aos 16, desde lá, caí no mundo da vadiagem, mas tinha certeza de nunca ter visto um cara incrível, em tamanho, como ele. Era inacreditável!

Ajoelhei-me a seus pés. Deslizei meus dedos por todo seu comprimento, só que quando estava prestes a colocá-lo na boca ,fez-me parar com a ação.

— Primeiro eu, Alexia — avisou, jogando-me sobre a cama, vindo por cima de mim de novo.

Olhei para cima, gemendo, adorando seu ataque.

Beijou-me vorazmente, depois aplicou-me beijos por todo meu colo e chegou aos meios seios tomando-os na boca novamente. Em seguida desceu com sua boca ansiosa pela minha barriga e quando chegou a minha pélvis, eu o segurei pelo cabelo, já estava quase sem ar!

Mas ele insistente, segurou minhas mãos juntas pelo pulso e invadiu minha entrada com sua língua sedenta.

Contorci-me com sua invasão. Assim que ele passou a língua no meu clitóris, eu gritei alto, remexendo-me como uma cobra, deliciada, e entregue completamente a ele. Marcus podia fazer o que quisesse comigo, pois já era toda dele, pelo tempo que ele quisesse!

Só suportei um minuto na sua boca mágica e gozei gritando, puxando um pouco seus cabelos, em puro êxtase.

— Aah! Sr. Meritíssimo! Aah...

Esperou que eu me acalmasse e voltou a me beijar de novo. Senti meu gosto na sua boca e sorri e ele também.

—Vou colocar um preservativo, espere só um segundo, minha ruiva — pediu ansioso.

Suspirei, enquanto o aguardava. Nem imaginava como seria quando o sentisse todo dentro de mim, mas essa ansiedade aumentava mais ainda minha excitação por ele.

Ele começou a procurar pelas gavetas, ao lado da cama, mas não achou nada. Foi até uma cômoda do outro lado do móvel e nada também. Caminhou rápido até seu closet e jogou tudo de lá no chão, mas não encontrou nada ainda.

Acho que terei um ataque de ansiedade se ele não encontrar logo isso!

— Não acredito! — gritou de lá, mais louco do que eu.

Saiu do closet e foi para o banheiro.

Quando eu já estava a ponto de me levantar para procurar com ele, ou me vestir de vez e sair dali para não fazer a maior burrice da minha vida, ele veio em cima de mim de novo, beijando-me. No entanto, percebi que não parecia mais tão ansioso como antes.

— Alexia, eu não estou no meu estado normal, bebi um pouco além do trivial. Mas acredite em mim, no que eu digo: estou desejando você desde o momento que a vi naquele bar. Depois você, coincidentemente veio trabalhar na minha casa, e agora você está completamente nua aqui na minha cama, nos meus braços, mesmo assim, vou te dar a chance de sair daqui e escapar de mim. Mas se você não o fizer, não vou conseguir me conter e não pararei nem por um segundo. Estou dando a você a última chance de sair desse quarto. Vá, fuja de mim, ruiva!

Respirei fundo, estupefata, nem acreditando no que ele me dizia.

Nunca nenhum cara que eu fiquei, teve esse tipo de papo comigo antes de transar. A maioria nem demorava com preliminares.

Esse cara existe!?

Ele é um verdadeiro cavalheiro de armadura e tudo em comparação com os caras idiotas com quem já me meti, isso sim!

Puxei seu rosto para mim novamente, beijando-o faminta dando a resposta. Senti seu mastro rígido e longo raspar na minha coxa e gemi na sua boca.

Ele rosnou, depois se afastou um pouco, rasgou o invólucro do preservativo e o colocou no seu incrível pau, ali diante do meu olhar de fome por ele.

Beijou-me de novo e se posicionou entre minhas pernas. Eu tremia de ansiedade.

— Vou te possuir agora, minha linda Alexia.

Ele me penetrou bem suavemente enquanto me beijava, tudo ao mesmo tempo.

À medida que intensificava o beijo, ele me invadia mais também.

Senti-o deslizando, ocupando-me, era sem explicação.

Seu peso, nossas peles roçando, nosso cheiro, o álcool misturado com seu gosto na boca, o atrito, mesmo eu muito melada, seu pau pulsante, cada vez mais dentro de mim, era surreal.

— Oh, Alexia. Nossa, você é muito, apertadinha..hummm

— Você acha. Sr. Meritíssimo. Ah! Me fode vai!

Abri-me mais para ele, ajudando-o a vir até o cabo.

Marcus começou a estocar suavemente.

Remexi-me embaixo dele, e o enlacei com as pernas.

— Não faz isso! Não me provoca! — disse parando o movimento, e me fitando, quase aflito — Você é muito apertada, não quero machucá-la, Alexia.

Logo eu!

Eu me arremeti contra ele, mais ainda.

O meritíssimo, então, acelerou. Deslizou dentro e fora, muito mais, indo bem fundo em mim.

— Eu te avisei! — disse segurando-me pelos quadris.

Quem disse que reclamei, fiz foi gostar.

— Ah! Meritíssimo! Ah, que gostoso! Quero tudo!

Marcus ficou alternando nesse movimento, estocando fundo e depois vindo raso, mas rápido, por vários minutos, enquanto meu corpo balançava nos seus braços. Estávamos até suados. Nossos corpos combinavam, nosso calor, nosso cheiro, era tudo perfeito.

Isso parece um sonho!

Ele bateu dentro e fora, ininterruptamente em mim, sua boca encontrou a minha. Marcus rosnava e eu soltava gemidos altos, sem me conter, diante da nossa dança intensa do sexo, ritmada.

Depois de um tempo, ele suavizou o movimento e enquanto, deslizava para dentro e fora de mim, beijando-me, ele desceu aos meus seios e lambeu meus mamilos, chupou meus seios, de um por um, não sendo negligente com nenhum deles. Tudo que ele fazia, era contínuo e meio animalesco. Ele me apertava, puxava-me pelas nádegas para recebê-lo mais e eu apertava seus músculos e fincava as mãos nos seus cabelos, diante do seu ataque, indo até o talo em mim.

Fechei meus olhos e vi estrelas.

Não conseguindo mais suportar, comecei a gozar. Virando a cabeça para os lados, gritando, num frenesi alucinante. Estava entregue a um orgasmo que nunca senti na minha vida!

Assim que consegui me controlar. Marcus me levou para a cabeceira da cama. Colocou-me de quatro para ele. Pediu-me carinhoso que me apoiasse no local. Em seguida, penetrou-me de novo na vagina. Passou a enterrar-se raso mais acelerado, sem cerimônia.

Acariciava meus seios e depois meu clitóris. Tocava minha face, e me fazia beijá-lo.

Esse cara quer me enlouquecer!

— Ah, minha ruiva gostosa! Alexia, você é minha, toda minha! Vou te foder a noite toda!

— Então vem — provoquei quase sem voz.

Empinei mais para ele, demonstrando que por mim, ele poderia me foder o tempo que quisesse, poderia fazer até me tirar os sentidos. Era gostoso demais transar com ele.

Ele me estocou ainda mais forte e sem parar. Depois parou e deslizou bem devagar, mas bem fundo. Em seguida continuou suas investidas rasas e rápidas novamente.

Minutos depois, então, quando ele atacou de novo meu clitóris com os dedos, gememos alto, gozando os dois ao mesmo tempo. Eu não suportava mais.

— Ooh! Oh! Alexia! Porra!

— Aah...ah...Marcus!

Ele me deitou devagar na cama, ficou sobre mim, mas se apoiando nos cotovelos, para não me esmagar.

— Nossa! Você é demais, ruiva — disse quase sem ar.

— Você é sensacional, seu Juiz — elogiei baixinho, sentindo-me fraca.

Ele retirou o preservativo e me puxou para os seus braços.

— Está cansada? — perguntou, carinhoso, tocando no meu rosto.

Nem conseguia responder. Estava exausta. Aliás, acabada mesmo!

E eu estava sem transar há um mês apenas, quando terminei com o Augusto, um namorado motoqueiro idiota que eu tinha.

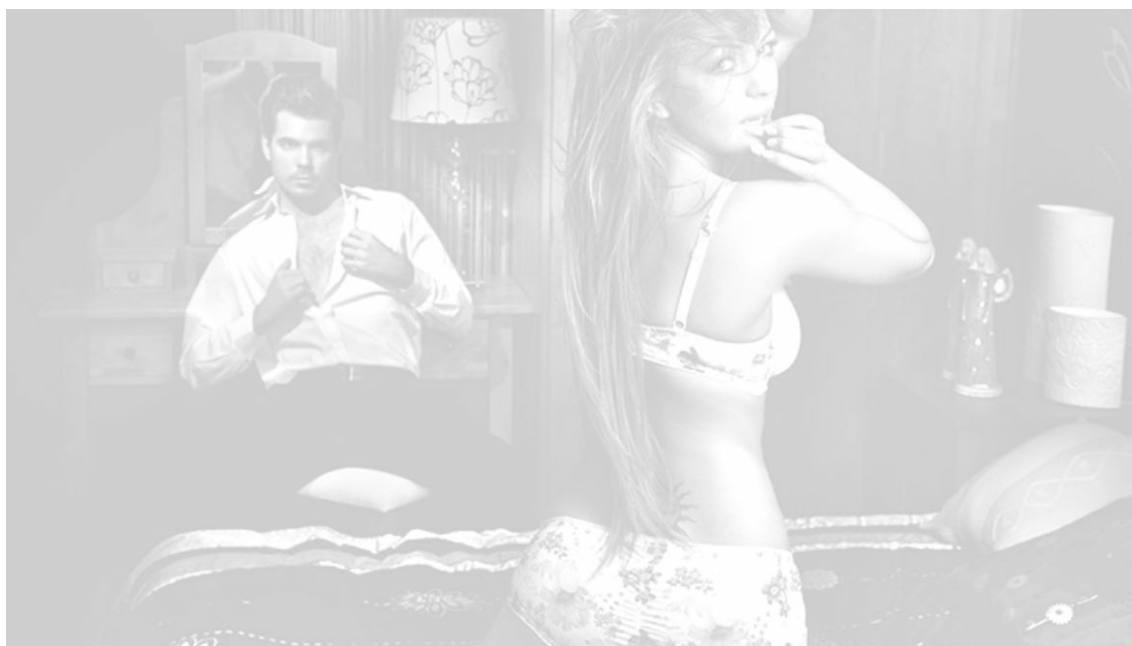
Uma coisa é certa, ele nunca chegou nem perto da performance desse Juiz!

Que homem!

Fitei seu rosto, ele sorriu. Marcus era um amante perfeito.

Eu já tinha transado com moleques, nunca tinha transado com um homem de verdade.

Sorri também. Fechei os olhos e apaguei nos seus braços.



Capítulo 5

Camila

Remexi-me na minha cama e senti que ela estava estranhamente mais confortável que nos outros dias. Sentei, preguiçosa e abri meus olhos, esticando-me. Eu estava nua, normal, sempre gostei de dormir sem roupas.

Segurei um grito, tapando minha boca, quando lembrei onde estava e o que tinha feito na noite passada.

Ou melhor, o que fizeram comigo.

Eu estava deliciosamente dolorida ainda.

Fui totalmente fodida por um homem de verdade! O juiz Marcus Henrique Toledo, meu patrão. Que fetiche!!

Corri meus olhos pela cama, animada, mas não o vi. Eu estava sozinha. Aproveitei para analisar o resto da suíte.

O local era grande, bem maior que o meu quarto na casa do meu pai. A decoração era moderna e de bom gosto, com cores pasteis e branca, era diferente da cor da parte de baixo da casa.

E a cama? Nossa, era enorme, com uma bela cabeceira colossal, e criados mudos nas laterais. O televisor ocupava uma boa parte da parede, era gigante, também havia um divã lá, em frente a cama. Uma poltrona caríssima e confortável ficava perto da janela. No quarto existiam três portas de madeira e uma bem grande de vidro, esta era de correr e dava acesso à varanda. A iluminação do quarto vinha quase toda de lá. Dava para notar que uma das portas de madeira era do closet. Então umas das outras deveria ser do banheiro.

Pulei da cama, peguei meu vestido de cima da cômoda ao lado e o coloquei, em seguida abri a porta que estava mais próxima.

Uou!

O banheiro dele era enorme. E tinha uma super banheira. Aquele quarto

era maravilhoso.

Sentei-me no vaso e depois de fazer xixi, lavei-me com a duchinha. Ainda senti o desconforto por ele ter me comido sem pena, mas a sensação também era muito boa, por saber que foi ele, meu juiz delícia, e porque eu pedi. Em seguida, fui até uma das cubas da pia, peguei uma escova de dentes lacrada da gaveta e a usei. Quando terminei, lembrei da minha avó.

Oh! Nossa! Ela já deve ter chamado a polícia uma hora dessas, eu não avisei onde estava!

Limpei meu rosto com algumas toalhas de papel e corri até o meu celular.

Procurei-o pelo quarto todo, mas não o encontrei.

— Está procurando por isso, Alexia?

Voltei-me para a porta.

O Juiz Marcus Henrique, vulgo Thor, o cara que me fodeu deliciosamente, como nunca antes, estava apoiado no batente da porta. Suas pedras azuis me fitavam intensamente. Ele usava um calção cinza e uma camisa branca, bem à vontade. Afinal, ele estava na sua casa.

Só que encontrar logo pela manhã o cara dos sonhos de qualquer mulher assim tão lindo de manhã cedo, era de abalar qualquer uma.

Ainda mais, sabendo do que era capaz e querendo tudo de novo.

Fiquei sem fala.

Esse juiz está mexendo mesmo comigo. Eu nunca fico sem fala com ninguém!

Ele se aproximou de mim, com seu meio sorriso de arrancar calcinhas e me entregou o aparelho.

Estapeei-me em pensamentos para reagir e recebi o celular de suas mãos.

— Ah...Obrigada... com licença — falei e entrei rápido no banheiro, fechando a porta atrás de mim.

Respirei fundo, colocando um pouco de ar nos meus pulmões senão ia acabar morrendo.

Disquei o número da minha avó. Ela atendeu no primeiro toque.

— Oi, vó, bom dia.

— Onde você está, menina? Você está bem, Alexia? Já estava prestes a chamar a polícia!

— Estou bem. Desculpa, é que dormi na casa de uma amiga, esqueci de te avisar.

— Você bebeu de novo, Camila?

— Não, vó — respondi rolando meus olhos. Já sabia que ouviria um monte de novo quando chegasse.

Sentei-me na beira da banheira e fiquei mexendo os sais de banho enquanto ouvia seus sermões antecipados.

Quando ela acabou, avisei que chegaria logo, ela puxou mais um pouco minha orelha e desligou.

Levantei-me e me olhei no espelho.

Resolvi tomar um banho.

Quando terminei, peguei um roupão embalado e me enxuguei. Em seguida, coloquei meu vestido, sem calcinha de novo.

Assim que abri a porta, o Juiz se aproximou de mim.

— Seus pais estavam preocupados? — perguntou com expressão preocupada.

— Quem? — perguntei confusa. Depois me refiz. Ele não sabia nada sobre mim — Ah..não. Eu não moro com meus pais. Quer dizer eu moro, mas atualmente estou morando com uma amiga.

Ele segurou minha mão, parecia mais aliviado, e me puxou para seus braços. Deu-me um beijo suave na boca.

— Vamos tomar o café da manhã, minha ruiva.

Fiquei parada olhando para ele espantada com sua reação. Nenhum dos caras com quem dormi, beijou-me ao acordar e muito menos me convidou para tomar café da manhã com ele.

Aliás, eu nunca fiquei a noite toda com eles, eu sempre saía logo depois do sexo. Tinha horror ao mal estar que acontecia pela manhã.

Fiquei parada, olhando-o, mas aí ele puxou minha mão gentilmente, forçando-me a sair da apoplexia e saímos do quarto. Descemos a escada, assim, de mãos dadas.

Esse não é um cara comum, é um Juiz educado, o Thor do sexo e por enquanto, meu patrão e ...

Ôpa!

Xii a Sra. Íris vai nos pegar.

— A Sra. Íris...— falei meio aflita, isso poderia atrapalhar o que ainda precisava planejar.

— Estamos só nós dois, Alexia. Ela já foi embora.

— Ah.

Quando chegamos à cozinha. Havia um banquete esperando por nós, tinha muitas coisas gostosas lá, provavelmente, era coisa da Sra. Íris para o seu patrão ilustre.

Começamos a atacar. Estava faminta.

Enquanto ele comia, não tirava os olhos de mim.

— E então, já está satisfeita? — ele perguntou um tempo depois.

— Sim — respondi tranquila limpando meus lábios com um guardanapo. Ele queria conversar, que fofo.

— Você é diferente, Alexia. Tão jovem e tão diferente— parecia intrigado.

— Com assim, seu Juiz? — perguntei com meu jeito matreira. Não podia me entregar para ele, de forma alguma, mas era tão gostoso viver aquela cena

de café da manhã pós noite de sexo, com ele.

— Por exemplo, a quanto tempo trabalha como empregada doméstica?

Abri os olhos, meio espantada, não esperava essa pergunta.

Caramba! Ele é esperto!

Ele é um Juiz, sua idiota!

É expert em estudar as pessoas, afinal ele as julga!

— Eu, na verdade..Ãh.,, estou passando por uma fase ruim, financeiramente — respondi, torcendo para que ele não fosse expert em saber quando alguém mente, afinal era um juiz, sabia quando um réu mentia, ou não?

Mas de um certo modo, não estava mentindo. Afinal, meu pai tinha cortado minha grana, eu estava na miséria.

Há alguns meses, quando ele cortou também, tentei ser DJ na casa noturna de um amigo, mas bebia mais que fazia música. Uma vez, tentei trabalhar com meu pai, mas ele era um viciado em trabalho e vivia me esculachando quando me via sentada de bate-papo com os funcionários.

Talvez eu me aventure em viagens agora...isto é, depois do castigo que papai me impôs, claro, arg!

— Então, essa profissão é provisória? — indagou suspendendo a sobrancelha.

— Sim — respondi rápido, olhando para os lados tentando encontrar uma forma de mudar de assunto.

—Teria algum problema se você ficasse comigo esse final de semana?— perguntou, assim, na bucha.

Ãh?!

Como demorei em responder, ele se aproximou mais de mim e pegou no meu queixo com gentileza, fazendo com que o olhasse.

— Gostaria de me desculpar se fui muito rude com você ontem à noite,

Alexia.

— Não precisa. Marcus, você foi perfeito — respondi rápido de novo, hipnotizada com seus olhos cor de oceano, lindos.

Ele começou a beijar meus lábios suavemente. Intensificou o beijo e me puxou para o seu colo.

— Estou me controlando, mas não suporto mais, quero transar com você de novo, Alexia. Transa comigo de novo?— pediu rouco, aspirando meu cheiro no pescoço.

— Você está sem preservativos — falei gemendo baixo, ansiosa também, recebendo seus beijinhos suaves.

— Fui atrás de alguns enquanto você dormia — sorriu sacana.

— Ah, espertinho — gemi alto, pois assim que ele parou de falar, seus dedos me invadiram suavemente. Ele sabia que eu estava sem calcinha.

— Vem cá minha ruiva deliciosa — rosnou baixo, beijando-me vorazmente, mas sem tirar as mãos de lá — Humm, você já está pronta para mim.

— Sempre — gemi já sem ar.

Teria que ligar para minha avó e avisá-la que ficaria mais uns dois dias na casa da minha “amiga”, ou quem sabe um mês, ou um ano.

Ah, sei lá! O tempo que esse juiz insaciável me quiser!

Ele se levantou comigo enlaçada nos seus quadris e fomos para o quarto de novo.

Marcus me deitou sobre a cama e dessa vez, transamos bem devagar, depois da cama, fomos para a banheira e fizemos lá de novo, com ele estocando gostoso em mim de quatro lá dentro para ele.

Quando saímos do quarto já era hora do almoço.

Não saímos, ele pediu comida de um restaurante.

A comida estava uma delícia.

Passamos o dia inteiro juntos.

A sequência era: Transávamos, tomávamos banho na piscina, lanchávamos algo, transávamos de novo, divertíamos-nos na sua sala de jogos, depois ele me colocava em cima da mesa de bilhar e estocava gostoso em mim de novo. Estava tudo sendo incrível, eu não queria mais deixar aquele juiz.

Mas à noite, sabia que precisava ir e dar explicação a minha avó.

Pedi que ele me deixasse em casa, pois com certeza ela já estava para ter um ataque cardíaco por minha causa.

Ele, muito atencioso, atendeu-me prontamente.

Ao chegarmos em frente a casa, que disse que morava, ele retirou minha bicicleta do suporte do carro e depois me deu um beijo demorado, quando me soltou, eu já estava sem ar. Ele era incansável, seu beijo devastador era para me lembrar disto.

Esperei que seu carro sumisse de vista e pedalei para o quarteirão onde realmente ficava a casa da minha avó.

No outro dia, domingo, ele me ligou logo pela manhã.

Inventei uma desculpa de ir visitar a Pri na cadeia, e minha avó não se opôs.

Assim que cheguei ao portão de sua casa, ele o abriu sorridente e me carregou no colo. Fiquei rindo, com seu jeito ansioso, enquanto ele me levava para o quarto.

Retiramos as roupas apressados.

Ele me beijou, sôfrego e chupou meus seios com seu jeito firme, mas muito carinhoso, e eu o enlacei, louca por tê-lo dentro de mim de novo.

Imediatamente ele me atendeu.

Colocou a camisinha e se enterrou a valer em mim, enquanto eu gritava, pedindo mais. Muito mais dele.

Depois que gozamos, ficamos abraçados na cama descansando e conversando.

— Você é um cara insaciável, seu Juiz. Nunca conheci um cara assim como você.

— Nem eu conheci uma ruiva como você, aliás, você tem todo jeito de ser uma ruiva problema. Uma jovem e linda ruiva problema.

— Não sou nada disso — respondi juntando as sobrancelhas e fazendo beicinho de zangada, quando fiz menção de sair da cama, ele me puxou para seus braços de novo.

— Mas é a ruiva problema mais gostosa que eu já conheci. E que me deixa maluco. Te quero muito ruiva — disse rindo, apertando-me nos braços.

Ainda continuei com a tromba.

E ele me surpreendeu com cócegas na minha barriga e beliscou meu bumbum.

— Ai, para com isso, seu juiz sacana — pulei em cima dele, fazendo cócegas nele também. Nos músculos de sua barriga definida.

Ele se movimentou de novo, vindo por cima de mim e voltou a me beijar. Estava duro mais uma vez.

— Você parece um cara de dezoito anos, Sr. Juiz! — comentei divertida, tocando seu longo pau.

Ele abriu minha pernas para ele e me corrigiu.

— Meritíssimo.

Enquanto ele me acariciava na minha parte mais íntima com seus dedos ágeis, comecei a gemer de novo.

— Ah, meritíssimo...meritíssimo. Eu me entrego, vai pode me condenar,

me dê sua sentença!

Ele parou um pouco sua doce e ágil carícia e me disse, com os lábios bem próximos dos meus.

— Fica na minha cama, a minha mercê, por tempo indeterminado, ruiva tentadora!

— Sabe que ficarei — respondi, ávida por ele de novo.

Em seguida, ele colocou o preservativo e começamos a nossa dança do prazer novamente, com ele inteiro dentro de mim, carinhoso, gostoso, veemente e saindo e entrando, macio e duro, tudo na medida certa.

Mais tarde, ainda na cama, ficamos apenas nos acariciando, aproveitando a companhia um do outro. Parecíamos um casal de namorados de verdade, desses de longa data, cheios de cumplicidade e apaixonados.

Não pude evitar, entreguei-me completamente a ele, pois não teria como ser diferente, ele me conquistou com seu jeito austero e ao mesmo tempo brincalhão, jovial.

Quando ele dormiu, fui até a sala de jogos e peguei a sacola com os brinquedos sádicos que eu tinha escondido atrás de um dos caça níqueis. Guardei na mochila que tinha trazido. Deixei essa parte do plano de lado.

Encostei-me à parede do local e fechei o penhoar dele que usava sobre meu corpo nu, pensativa.

Preciso ajudar a Pri de outra forma. No entanto, ainda não sei como! Não posso fazer essa sacanagem com ele. Marcus é meu juiz, meu meritíssimo, agora.

Subi as escadas. No quarto, fitei aquele homem lindo sobre a cama, retirei o penhoar e me deitei, nua ao seu lado. Ele se movimentou e me abraçou por trás.

No decorrer dos dias, pensaria no que fazer para ajudá-la, mas não sacanearia o Marcus.



Capítulo 6

Camila

Na segunda-feira, quando estava terminando de arrumar o quarto dele, a pedido da governanta, ele me ligou. Sentei-me na beira da cama e o atendi.

— Bom dia, meritíssimo — provoqueei.

Ele havia me dito para não chegar muito cedo, pois na noite anterior ficamos até tarde juntos e ele gostaria que eu descansasse um pouco mais. Ele tinha avisado à Sra. Íris que meu horário seria a partir das 10:00h agora. E fez questão que eu ficasse responsável em servir seu almoço todos os dias também. Tudo isso ela me repassou quando cheguei.

— Bom dia minha ruiva problema. Sonhou comigo? Te fodendo gostoso? — perguntou todo safadinho.

— Claro, como não sonharia, meu juiz delícia, bem dotado, humm... — respondi fazendo uma voz gemida, sacana e ele me retribuiu com sua risada contida de praxe, mas que já amava ouvir.

— Quero que você faça um coisa por mim, ruiva — começou.

— O quê? Além de servi-lo todos os dias na hora do almoço? — respondi travessa, mostrando que já estava sabendo de suas novas regras comigo.

Ele fez uma pausa e depois falou com a voz baixa, sedutor.

— Gosto de boas companhias na hora das refeições. Mas quero pedir outra coisa também, para melhorar meu apetite: Não use calcinha quando eu chegar, aliás você está proibida de usá-las quando eu estiver em casa.

Uou! Que juiz safado e delicioso é esse!

— Humm, vou amar isso, meritíssimo — respondi sussurrando.

— Eu também. Até daqui a pouco minha ruiva, ou terei que acabar com a sessão antes do final da manhã.

Eu ri.

Mandei-lhe um beijinho e ele desligou em seguida, estava ansioso pelo almoço.

Na hora acertada, fui preparar a mesa para sua refeição, coloquei os talheres, pratos, copos e outros objetos da mesma forma que lembrava que a empregada de papai organizava na nossa casa. a Sra. Íris apareceu e aprovou tudo.

Um momento depois ele chegou.

Entrou na cozinha e sorriu, observando tudo.

— Gostou? — perguntei travessa.

— Ah, sim. Muito.

Cerrei os olhos, desconfiada. Ele parecia ansioso, mas não tinha certeza.

Mas aí tive certeza, sim, quando fechou a porta da cozinha e se aproximou de mim devagar.

Seu olhar em minha direção era cerrado, quente de desejo. Já começava a me acostumar com seu jeito comigo, ele parecia estar sempre disposto a sexo, antes de qualquer coisa. Algo me dizia que Marcus se tornaria meu vício, pois assim eu também me comportava, queria senti-lo antes de tudo.

— Está sem calcinha? — perguntou com um olhar safado, segurando-me pela cintura. Puxando-me para ele.

Balancei a cabeça concordando.

Pelo jeito, ele iria me comer sobre a mesa da cozinha!

Era de se esperar do meu Juiz insaciável.

Fitei-o, sentindo-me quente de desejo por ele. Também o queria, muito.

Ele me beijou sedento e me colocou sobre a mesa, ficando entre as minhas coxas. Depois, acariciou-me na vagina com os dedos.

— Deliciosa, prontinha para mim, minha ruiva. Estou faminto.

— De comida? — perguntei gemendo, envolvida por seu ataque. Como era excitante aquele nosso joginho sacana.

— Não, é de você, minha ruiva problema — rosnou.

Em instantes, ele colocou um preservativo, tomou minha boca e acariciou minha vagina. Encostou seu mastro nela e entrou suavemente. Gemi e ele rosnou. Ele iniciou suas investidas, rápidas e a seguir profundas e duras, mas sempre contínuas, levando-me às nuvens.

— Oh.. Alexia..porra...você é deliciosa — rosnou baixinho, controlando o som, beijando minha boca.

— Ah, meritíssimo, vem, sou tua — gemi baixinho também, enlaçando-o mais com as pernas, trazendo-o mais pra mim. Não podíamos fazer muito barulho, mas o queria inteiro dentro de mim, com todo nosso som característico.

— Perco a sanidade com você ruiva! — rosnou, batendo dentro e fora mais intenso ainda. O som era oco, ele evitava dar tapas na minha bunda, como gostava de fazer, para não parecer que transávamos.

Eu apenas recebia suas estocadas constantes, gemendo, de forma contida, retribuindo seu beijo.

— Marcus, estou chegando perto. Vou gritar! — avisei.

Ele tapou minha boca. Acelerou mais.

Gozamos juntos, com as bocas coladas. Abafando nosso som de prazer.

Rimos um pouco daquela nossa safadeza.

Saí primeiro da cozinha e depois ele. Lavei-me rápido. Quando voltei, ele ainda não estava lá, mas não demorou muito. Almoçamos juntos, aproveitando a comida e um bate-papo pós-sexo, delicioso.

À noite, esperei que todos os empregados saíssem e fui para o seu quarto.

Lá entrei na banheira, e fiquei esperando por ele.

Quando ele voltou do trabalho, viu-me lá e sorriu.

— Boa menina.

Eu não respondi nada. Estava boba em vê-lo todo a caráter daquele jeito, vestido de Juiz de um tribunal.

De repente começou a retirar sua roupa. Sua toga, terno, tudo. Fui presenteada, a seguir, com a visão do meu deus nórdico bronzeado nu de membro enorme em minha direção. Aquilo tudo era para mim.

Ele entrou na banheira e eu gritei, só de sacanagem, pois a banheira transbordou.

Marcus riu e me beijou voraz, fazendo-me sentar nas suas coxas. Ele passou a sugar meus seios. Eu gemi amando seu ataque.

Colocou a camisinha e pediu rouco.

— Vem cavalgar no seu alazão, minha ruiva.

Sorri e fui sobre ele.

Beijei-o enquanto deslizava no seu membro delicioso. Só comecei a mexer quando o recebi inteiro dentro de mim. Respiramos acelerados e passei a cavalgar como ele pediu, de cima abaixo com nossas bocas coladas, devorando-nos.

Fizemos sexo assim, por um longo tempo.

Ele atacou meus seios e claro não suportei mais e me entreguei a mais um gozo, tremendo veementemente.

Marcus me apertou pela cintura e passou a bater por baixo acelerado, gozando junto comigo.

Depois do sexo na banheira, fomos para a cama e continuamos lá.

Um tempo depois, eu já estava lânguida sobre ele de novo, cansada, mas muito satisfeita. Ele me abraçava e acariciava meus cabelos.

Marcus era assim, muito carinhoso depois do sexo.

— Estou feliz por você ter aparecido na minha vida, anjo de cabelos de fogo — ele disse, sincero.

Sorri e o beijei nos lábios. Fitei seu belo rosto e suas pedras azuis, impares. Ele era tão lindo. E era todo meu. Ele fazia questão de demonstrar isso.

Falei travessa.

— Ué, seu juiz, você me disse que sou uma ruiva problema, agora sou um anjo?

Ele se mexeu em baixo de mim, e senti seu membro semi ereto raspar minha coxa. Era maravilhosa aquela nossa intimidade.

— Acho que na realidade você não é nem uma coisa nem outra, mas uma bruxa ruiva que me enfeitiçou — sua voz estava rouca e seus olhos brilhavam de desejo de novo.

Êta Juiz insaciável! Delicioso!

— Você tem quantos anos cara? Acho que você deveria manear nas azulzinhas — provoquei rindo, empurrando-o de volta na cama, já que ele queria vir por cima de novo.

— Ei, tenho apenas 30 anos ainda, vai demorar muito para que eu precise dessas coisas, ruiva, principalmente com você — ele me beijou de novo e quando me deixou, acrescentou, olhando nos meus olhos. — Você será meu afrodisíaco por muito tempo ainda, Alexia.

— Como assim, muito tempo? — perguntei surpresa com a conversa dele. O que ele queria dizer? O que fazíamos era sexo, ou melhor, vivíamos um caso de patrão e empregada, ou não?

Ele me beijou no queixo e me cheirou no pescoço.

— Você foi feita para mim, Alexia. Você é tudo que eu sonhei. Não quero que você vá embora. Quero que você fique comigo.

— Mas eu estou aqui, Marcus — respondi sem entender ainda.

Onde ele quer chegar com essa conversa?

— Eu sou viúvo, passei por momentos muito difíceis. Nunca pensei que

pudesse me envolver desse jeito com outra mulher. Eu quero você Alexia. Você me encantou, ruiva. Estou apaixonado por você.

Esse Juiz é louco!

Mas sou muito mais!

E por ele!

Puxei-o pelo pescoço e o beijei, ele invadiu minha boca no mesmo instante.

Ficamos trocando beijos, falando palavras de carinho um para o outro e nos acariciando por um bom tempo.

Depois, enlacei-o pela cintura, demonstrando o quanto estava ansiosa por tê-lo de novo.

Ele apanhou um preservativo de cima do criado mudo e rapidamente o colocou no seu mastro duro como uma barra de ferro. Em seguida me invadiu com suavidade.

— Sou louco por você, Alexia.

— Eu também. Marcus.

Enquanto ele vinha dentro e fora, dentro e fora com veemência, sua língua circulava meus seios alternando entre eles, mas sem parar um segundo o movimento de foder. Enlacei-o com as pernas mais ainda, trazendo-o mais, e ele veio duro, todo dentro de mim, enterrando-se ininterrupto. Meus tremores começaram, eram frenéticos e me entreguei totalmente, gozando, gritando e chamando seu nome.

— Marcus! Ah, Marcus! Meu amor!

Ele gozou também, logo em seguida, rosnando, apertando-me mais ao seu encontro, puxando-me pelas nádegas, beijando-me, aflito de tesão.

— Ooh!..Oh!..Porra, você é gostosa demais, minha ruiva, estou viciado em você! Oh! Você é minha Alexia, só minha! Fica comigo? Vem morar comigo?

Quando estávamos mais calmos depois do calor do momento durante o sexo, ele perguntou de novo.

— E então, vem morar comigo?

Fiquei calada. Queria dizer que sim, mas era impossível.

— Morar com você eu não posso. Não ainda. Mas se tiver paciência, eu venho quando puder — falei sincera. De qualquer jeito eu sabia que era só um sonho.

Ele acariciou meu rosto e continuou.

— Então pode dormir comigo algumas noites pelo menos?

Sorri, como poderia dizer que não. Estava gamadona no meu Juiz, mas do que fiquei por qualquer outro homem na minha vida. Não podia dizer que era paixão, mas eu sabia que era bem perto.

— Sim, sempre que puder eu fico.

Ele me beijou, radiante selando o acordo.

Na terça de manhã, minha avó ficou uma fera comigo por ter chegado na noite anterior quase meia-noite. Consegui convencê-la de que estava trabalhando num bar à noite. Ela verificou se eu estava bêbada, e ao perceber que não estava, falou levantando as mãos para céu.

— Pelo menos está trabalhando.

A partir daí ela não me questionou mais.

Fiquei aliviada, pois agora poderia aproveitar meu Juiz à noite também. Aliás, poderíamos até dormir juntos algumas vezes por semana, isto é, enquanto ela não desconfiasse. De outro modo, eu me ferraria.

Os dias se passaram e Marcus não queria que eu trabalhasse mais como empregada, na casa, ma me neguei a parar. Ele não queria que eu fizesse

nada!

O que os outros empregados pensariam? Eu ainda não queria que soubessem que dormia com ele.

Depois de convencê-lo com carinho, ele acatou meu pedido. Mas meu trabalho passou a se resumir apenas em arrumar sua suíte, ficar com os cachorros, que eu adorava, e a servi-lo no almoço, de todas as formas, claro.

E à noite, depois de fazermos amor, ele me deixava em frente a casa que ele pensava ser onde eu morava.

Eu estava terminando de regar as plantas quando ele chegou, era uma quarta-feira.

Disfarçadamente, corri para encontrá-lo no seu quarto.

Ele me beijou, disse que tinha uma surpresa.

Deu-me um envelope de carta colorido, envolto numa fita rosa, disse-me que era um presente.

Abri-o.

Simplesmente era um cartão de banco e um de crédito.

Ele me disse sorrindo que era um presente.

Louca de alegria, nem acreditando, pulei nos seus braços, beijando-o muito. Ele me disse que agora poderia comprar tudo que precisasse. E que não queria me ver preocupada com mais nada que se relacionasse a dinheiro.

Ah, se ele soubesse que não era por nada daquilo que estava ali.

Achei muito fofa a ação dele. Mas depois, sozinha me senti mal, pois sabia que tudo isso era por causa da minha atuação de garota carente.

Eu tinha que contar tudo para ele. Só não sabia como. Ele com certeza me expulsaria da sua casa, da sua vida, nunca me perdoaria.

Resolvi aguardar mais um pouco para contar.

Ainda queria viver mais um tempo de momentos felizes com ele.
Eu era fraca. Não conseguiria falar e perdê-lo para sempre.

Com o passar dos dias, já era a nossa rotina transarmos todos os dias. Eu já até dormia com ele, pelo menos três vezes por semana, os dias que dizia ficar de extra no trabalho, para minha avó.

Depois que os outros empregados saíam, tínhamos a casa só para nós. Final de semana, nem se fale, era mais que perfeito.

Ninguém desconfiava que eu além de trabalhar na casa, também trabalhava na cama, no sofá, em cima da mesa, na piscina, na banheira, na sala de jogos, no escritório, resumindo, em quase todos os lugares da casa com o patrão, o sério, incorruptível, Sua excelência, o juiz Marcus Henrique Toledo. Eu o fazia feliz e ele a mim.

Eu não tinha mais nada com o que me preocupar, a não ser, é claro, em como ajudar a Pri a sair da cadeia!

Numa sexta-feira, Sara, que já estava desconfiada do patrão e eu, encostou-me à parede, ela queria saber se eu estava ou não tendo um caso com o juiz.

Na hora, eu não respondi, apenas ri.

Mas ela insistiu. Ela tinha me visto sair do quarto dele de manhã e desconfiou que eu tivesse dormido lá.

Não tendo outro jeito de calá-la passei para o meu modo “Camila” de agir.

Eu já tinha percebido seus olhares prolongados sobre Elliot, o jardineiro. Mas este era extremamente tímido. Ele jamais daria em cima dela.

Inventei uma desculpa e me liberei dela.

Encontrei o Elliot no jardim. Disse a ele sobre a declaração que ela tinha me feito de estar loucamente apaixonada por ele. Na verdade, essa parte inventei, ela nunca tinha me confessado. O rapaz ficou muito extasiado.

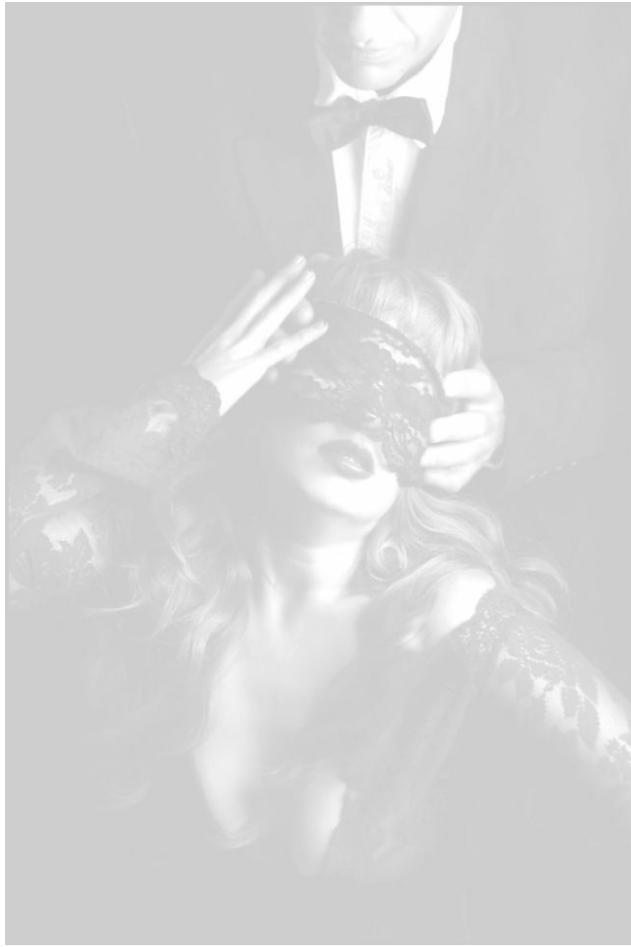
Depois do almoço, fiquei distraído a Sra. Íris e a Marta na cozinha na hora do almoço, enquanto eles conversavam no quarto de empregados nos fundos, um encontro causado por mim.

No outro dia eles já estavam nos maiores amassos no jardim, nos intervalos das atividades deles na casa do Juiz. Resultado: Sara esqueceu-se de mim rapidinho, pois passou a ter um caso com o Elliot, preocupando-se apenas em manter sua paixão sempre ocupada no quarto, no andar de cima da edícula, quando ninguém percebia.

Pronto, meu caso com o Juiz estava seguro, pelo menos por enquanto.

Como ele já havia dito, estávamos viciados um no outro.

Ele também já tinha me pedido que parasse de usar uniforme para trabalhar, queria que só usasse apenas para nossas fantasias sexuais. Mas eu o convenci e continuei usando, só para provocá-lo, coisa que eu amava fazer, gostava de deixá-lo louco. Além do mais estava amando aquele fetiche de ser sua empregada.



Capítulo 7

Camila

O sábado chegou, acordei na sua cama sozinha, porém tinha várias rosas espalhadas pela cama. Sentei-me e sorri encantada com seu gesto.

Além de ser um homem belíssimo, um rei do sexo na cama, e super carinhoso fora dela, ele era assim também, adorava fazer surpresas singelas para mim.

Como não poderia ter enlouquecido por um homem desses?

Eu possuía uma conta corrente bem recheada no banco para tudo que precisasse, presente seu. Ele até me pediu para morar com ele!

E nunca pedi nada a ele, Marcus é que era maravilhoso, gostava de me surpreender. Tudo estava perfeito para mim.

Na verdade já até achava, que vivendo daquela forma, não precisava mais nem voltar para a casa do meu pai. Ficaria ali com Marcus até quando ele me quisesse.

Uns dias depois, aconteceu algo que bagunçou um pouco nosso caso amoroso.

A mãe dele mais uma vez inventou uma festa para oferecer o filho dela às mulheres da cidade.

Estávamos na cama dele, à noite, nus depois de fazermos sexo, quando ela ligou. Ele atendeu e não teve outro jeito a não ser atender ao pedido de sua mãe insistente.

— Alexia. Amanhã teremos um evento na casa.

Sentei-me na cama e o fitei, ouvindo-o e nem acreditando.

— Um evento, mas por quê?

— É coisa da minha mãe.

Estreitei os olhos e reclamei.

— Sua mãe mais uma vez vai oferecer você à possíveis pretendentes, as mais oferecidas da cidade não é? Aquela loira que estava em cima de você a festa inteira, vai vir matando em cima de novo. Eu vi o jeito dela na festa. Ela foi seu caso não é Marcus?

Ele também se sentou e ficou acariciando meus cabelos, o juiz queria me acalmar, mas também notei um sorriso matreiro na cara.

— Isso é ciúmes, minha ruiva?

— Ah! Cala boca! — exclamei enciumada sim e afastei suas mãos de mim.

Quando tentei sair da cama, com raiva, ele me puxou de volta e me jogou sobre os lençóis de cetim. Ficou sobre mim. Ele era muito forte, então fiquei sua total prisioneira.

— Adoro você Alexia, você me enfeitiçou. Eu não quero mais mulher nenhuma na minha vida. Eu te amo, porra e sou louco de tesão por você, sou louco de todas as formas — disse inflamado, segurando meus braços no alto da minha cabeça.

Atacou minha boca.

Não resisti e correspondi.

Depois, gemi chorosa.

— Então cancela essa merda de festa, Marcus.

Não queria dividir meu juiz com mulher nenhuma.

Esse homem é só meu.

Ficamos nos encarando.

— Pedi que morasse comigo, você que não quer — lembrou.

— Não posso. Pedi que tivesse paciência, você disse que teria.

Ele me fitou e balançou a cabeça concordando.

— Tudo bem, mas a festa vai acontecer — disse.

Tentei me soltar dele, esperneando, revoltada com ele.

— Calma.

— Eu não vou servir loira vagabunda sirigaita nenhuma!

— Escuta, minha ruiva pimenta, a festa vai acontecer e você será minha convidada especial.

Fiquei estatelada e ele riu, em seguida liberou meus braços.

Voei sobre ele, beijando-o como uma louca.

Eu não estava mais nem aí para o que pensassem sobre nós. Só não queria aquela loira dando em cima dele.

Dei-lhe beijos no corpo, desci devagar até alcançar seu pau. Acaricie-o e lambi todo até as bolas. Ele gemia, pegando pelo meu cabelo.

Cuspi na cabeça vermelha, passei a língua e o chupei. O pré-sêmen saiu e eu o engoli.

Levei-o até a garganta, sentindo o sabor gostoso do seu membro, chupando-o de cima a baixo. A cabeça já estava vermelha.

A expressão dele estava aflita.

Ele gozaria a qualquer momento.

Mas, não parei. Ele explodiu, descontrolado, deixando todo seu sêmen na minha boca, rosnando alto.

— Ooh, minha feiticeira, oh, ruiva da minha vida, eu te amo, oh...

Engoli tudo, e dei um suave beijo na cabeça.

Em seguida, foi minha vez de gritar com ele, invadindo faminto, minha vagina.

— Eu te amo — disse, acariciando-me o rosto. Em seguida, carregou-me para a banheira.

Eu o amava muito também, apesar de saber que ele poderia me odiar quando lhe contasse toda a verdade, que estava ali, porque queria prejudicá-lo.

No outro dia, era sábado e Marcus me convidou para irmos à praia. Topei na hora, louca para aproveitar o dia com ele.

Ao chegarmos lá, ele me fez uma grande surpresa.

Antes de sairmos do carro ele começou a colocar uma roupa de surf preta.

Fiquei boquiaberta.

— Você sabe surfar? — perguntei.

Ele riu e respondeu, com seu jeito tranquilo.

— Sim, desde moleque.

— Um juiz de direito lindo, gostoso, e que sabe surfar, puta merda, vou me amarrar em você, não tenho como escapar dessa vez, sua excelência.

Ele não respondeu nada, apenas me puxou para seus braços e me beijou. Só me soltou, quando eu já estava sem ar.

— Só para o caso de querer escapar — comentou e saiu do carro, rindo.

Nem que eu fosse louca!

Encantada, acompanhei-o, enquanto ele retirava a proteção da caçamba do carro. Ele apanhou sua prancha de lá.

Ficamos horas na água, aproveitando sol e as ondas. Eu nunca soube surfar muito bem, mas depois de alguns caldos e dicas do meu instrutor gatíssimo, já conseguia até ficar de pé mais tempo e não me desesperava quando engolia um pouco de água. Um tempo depois ele deu a aula por encerrada e fomos comer alguma coisa.

Voltamos para o carro. De repente vi o Kaio.

Abaixei-me imediatamente.

— O que há, Alexia?

Fingi procurar algo no chão.

— Meus brincos. Caíram.

Contei um minuto e depois voltei a posição normal no banco.

Olhei ao redor com cuidado. Não tinha nem sinal do Kaio. Respirei aliviada.

Fomos para casa.

O dia da festa, preparada pela mãe, chegou.

Coloquei um vestido tomara que caia preto de tecido macio e de textura lisa. Ele tinha comprimento até o meio das minhas coxas, acentuava minhas formas e, uau, deixava meu bumbum do jeito que o meu juiz gostava, bem empinado. Para completar o look, coloquei um salto agulha dourado. Deixei os cabelos soltos e minha maquiagem era quente. Queria impressionar a todos, principalmente meu juiz, claro.

Desci as escadas e encontrei Marcus na sala. Ele sorriu, vindo até mim e beijou minha mão. Imediatamente ele reuniu D. Íris e os outros, que estavam ali perto. Avisou, então, que eu seria sua convidada especial. Sara e Elliot que já sabiam sobre nosso caso não deram nem manchete, porém, D. Íris e Marta ficaram com o queixo no chão, mas discretas, não comentaram nada.

Ocupamos uma mesa e ficamos conversando e bebericando champanhe. O local já estava com muitos convidados, vez ou outra um deles vinha cumprimentá-lo.

— Você está linda, minha ruiva, mas você sabe que não vou esperar muito, terei que arrancar logo esse vestido. Talvez seja até no dente — disse de sacanagem, mas a voz era séria, olhando ao redor.

Eu ri solto, mas em seguida, comportei-me.

— Sabe que nunca contesto nada que deseja, meritíssimo.

Sorrimos com cumplicidade.

Ele levantou a taça e brindamos.

A mãe de Marcus chegou ao local acompanhada da loira oferecida da última festa, a ex dele, quando estávamos conversando animados sobre a tarde na praia. Ela nem me reconheceu, achou que eu fosse apenas mais uma das convidadas. Ela só o fez quando Marcus me apresentou.

A loira ficou sem fala e se afastou com a mãe de Marcus, esta também parecia atônita.

Um tempo depois, Marcus foi receber outros convidados e eu fui passear pela festa. Fiquei um tempo apreciando ao redor em seguida fui atrás do meu juiz, preocupada em uma certa loira querer atacá-lo. Entrei na cozinha, ouvi pessoas conversando.

Era a mãe do Marcus e ele.

— Não tem me ligado e me visitado. Está muito ocupado com a empregada?

— Não fui, realmente, sinto muito. E ela não é a empregada.

— Não acredito que se envolveu com essa...garota.

— Chama-se Alexia.

— Marcus, isso não está certo. Você é um homem de respeito, com obrigações a cumprir. Quantos anos essa moça tem, 18?! Não vai demorar para que todos comecem a comentar. Meu filho, Cinthia veio para prestigiar a noite, ficou arrasada com tudo isso.

— Mãe, a ideia dessas festas, são sua. Sempre quer me oferecer candidatas. Nunca fiz questão de me casar de novo, peço por gentileza, que não se meta na minha vida. O que tenho com Alexia só diz respeito a mim e a ela.

— Mas essa garota...

Ele não a deixou que terminasse e a cortou:

— Mãe! Eu não quero ser grosso com você. Já te pedi, não se meta na minha vida, por favor!

Ela suspirou fundo, como engolindo algo ruim.

— Divirta-se então com sua bonequinha de luxo. Sei que isso não vai terminar bem.

Antes que ela saísse da cozinha e me visse, andei rápido e acabei esbarrando em alguém.

Era a loira oferecida, a ex dele.

— Ouvindo atrás da porta? Ah, tinha esquecido, é o mal dos serviçais.

Media-a de cima abaixo e sorri cínica. Não me ofendendo nem um pouco.

— Pois é. Mas o melhor é que gostei muito do que ouvi.

Ela estreitou os olhos, mas disfarçou sua raiva.

— Sabe, Alexia, é este seu nome? Você não é nada. É só uma empregadazinha repugnante. Já vi muito isso acontecer. Ele vai enjoar rapidinho de você. Assim, em dois tempos — afirmou e estalou os dedos.

— Ah, é? Assim como aconteceu com você? Não corro este risco, queridinha, isso, posso garantir, minha boca não contém veneno como a sua, eu a uso apenas para beijá-lo e para chupá-lo, dando-lhe muito prazer.

Ela me fuzilou com os olhos.

— Você é ridícula.

— E você não o tem, eu sim.

— Veremos!

Saiu batendo seus saltos, desaforada.

Eu ri e Sara apareceu ao meu lado.

— Alexia, você é completamente louca garota — disse rindo, demonstrando que ouviu o meu chega para lá na loira.

Eu também ri. Depois, peguei uma das bandejas que ela trazia e passei a ajudá-la, servindo os convidados.

A bonequinha de luxo, como me apelidou a mãe do meu juiz, sabia se

comporta a altura.

Rum!

Mais tarde, quando estava ajudando os outros a organizarem a área da piscina. Marcus apareceu e discretamente, o acompanhei.

Quando chegamos ao quarto, ele rasgou meu vestido de cima a baixo e atacou minha boca, como prometera.

Em seguida, capturou meus seios, faminto, na boca. Depois, colocou-me de quatro na beira da cama, atacou minha entrada por trás com a língua. Eu já gemia, e então, enterrou-se. Fizemos amor assim, ele controlando seu rosnado e tapando minha boca, batendo dentro e fora a valer, fazendo-me gozar como louca.

Ele explodiu também, dando-me tapas nas papas com firmeza, mas sem machucar.

Lancei-me na cama, e aspirei o ar, sem fôlego, mas satisfeita, por ele cumprir suas promessas.

Um tempo depois, estávamos juntos na banheira e ele perguntou.

— Gostou da festa?

— Muito, e você gostou da companhia da sua convidada especial?

— Sim. Ela é uma ruiva muito sexy. Vou até fazer amor com ela agora de novo e fazê-la gemer muito. O que acha?

— Acho que você precisa fazer isso, agora mesmo, pois ela está louca de vontade — respondi com os olhos cerrados. Eu era louca pelo juiz desajuizado e gostoso que ele era comigo.

Ele saiu da banheira, carregando-me no colo. Enquanto isso, beijava-o ansiosa, queria tê-lo dentro de mim de novo.

— Marcus, você é meu vício.

— Alexia, você é minha inspiração, te quero a todo momento. Aliás, foder você é minha principal ação, é como respirar — disse, safado, lançando-me na cama.

Eu ri, ele veio sobre mim, atacando-me os seios.

Numa quinta, Marcus me surpreendeu e muito. Apareceu com um chicote, enquanto o esperava na cama nua.

Fiquei surpresa e meio receosa, pois imaginei muitas loucuras com ele, mas nunca que quisesse me bater.

Mas não foi nada que imaginei. Ele me acertou com o chicote sim, mas apenas nas coxas e no bumbum, mas com cuidado, as cerdas eram macias também. O engraçado de tudo aquilo, é que gostei muito, até gozei duas vezes, enquanto ele arremetia duro em mim.

Quando terminamos falei, jogada sobre seu peito, respirando com dificuldade.

— Amei o chicote, meu juiz delícia.

— E dominador, não esquece.

— Isso. — concordei — mas nada de dizer que é meu dono — avisei.

Ele riu.

— Você que é a minha — respondeu e me deu um beijo de roçar de lábios.

Sorri feliz por tê-lo em minha vida. Não me sentia à vontade e livre assim há muito tempo. Só ele me fazia feliz daquele jeito. Com ele, até consegui esquecer a mágoa por minha mãe ter me negligenciado e me entregado ao meu pai.

Não queria que aquela loucura entre nós acabasse nunca.

Capítulo 8

Camila

Em mais um dos nossos finais de semana, sozinhos em sua casa, enquanto passava um espanador nos móveis, por hábito, observei os quadros nas paredes da sala.

Fui andando e observando mais atentamente. Eles estavam por toda parte. Eram lindas pinturas ou quadros de sua família, mãe, pai, avós. Só que as cores das paredes eram sem vida, cinzas.

Fiquei observando e pensei que aquela cor não tinha nada a ver com meu juiz predador, que era muito carinhoso comigo e quente também.

Ele apareceu de repente e me abraçou por trás.

— No que minha ruiva problema anda pensando?

Sorri, ele era tão forte e alto, envolvia-me inteira.

Respondi.

— Esses quadros na sua parede são tão lindos, mas essa cor realmente não combina com eles e nem com você.

Ele me fez voltar-se para si.

— E o que me sugere, ruiva observadora?

Acariciei seus músculos do peito contra a camisa e me pus na ponta dos pés para beijá-lo nos lábios, fiz e respondi.

— Uma cor mais clara.

Ele observou ao redor e cerrou os olhos.

— Se eu concordar e pintar tudo isso, o que ganho?

Eu ri.

— Ué, acho que bem-estar, não?

— Quero algo mais.

Dessa vez eu cerrei os olhos. Sabia bem do que meu juiz danado e sem vergonha falava. Era algo que ainda não tínhamos feito.

Sussurrei no seu ouvido.

— Anal com direito a algumas chicotadas se quiser.

Não tive sua resposta, na verdade, o que ele fez foi me levar escada acima, e me jogou na cama. Ele rasgou minhas roupas, pegou o chicote e passou a me acertar com suavidade, enquanto apalpava meu corpo e beijava.

Pôs-me de quatro na beira da cama e passou a me acariciar na vagina com os dedos. Depois, usou a língua.

Eu já escorria pelas coxas de excitada, chamei-o.

Ele colocou a proteção.

Passou a me dar chicotadas suaves, beijava e mordiscava minhas costas, enquanto isso.

Entrou então, de uma vez. Gemi alto. Ele rosnou.

Bateu dentro e fora por longos minutos.

Parou e voltou a me lambe na vagina. Eu já estava ansiosa para gozar.

Foi então que, ele usou meus fluidos e umedeceu meu ânus.

Agora ele faria.

Entrou devagar no meu ânus, enquanto beijava minhas costas e me acariciava a vagina com os dedos. Senti uma dor comum, mas como ele me excitava muito, logo relaxei. Ele era longo, grosso, sabia que demoraria para me acostumar. Marcus era tão carinhoso e paciente, que empinei mais. Ousada rebolei. Senti uma chicotada, fiz de novo. Então, entrou um pouco mais. Senti mais uma chicotada, Rebolei e ele me deu mais uma.

Ele falava sacanagem,e eu gemia.

Aos poucos ele já estava inteiro. Passou a bater de dentro e fora, dedilhando-me na vagina, lambendo e mordendo minhas costelas.

Não demorou e ele me tomou muito duro. Eu gemia, alucinada, amando seu lado dominador, que tinha certeza, ele só fazia comigo.

Seus movimentos aumentaram.

— Oh, Alexia, que gostoso é seu cuzinho, amor, o mais delicioso do mundo...ooh...

— Aah, Marcus, oh..amor...você me come tão gostoso..aah..

Ele acelerou a enterrada e as carícias na minha vagina também.

Gozei, como louca.

Marcus acertou-me mais duas chicotadas na bunda, enterrando-se, indo dentro e fora de mim, alucinado e explodiu, gozando também.

Ele rosnou alto e caiu sobre mim. Ele era grande, mas não me esmagou, tinha muito cuidado comigo.

Abraçou-me e disse sussurrando.

— Eu te amo, minha ruiva, minha feiticeira.

Estava lânguida, mas fiquei em alerta na hora. Tive vontade de responder que o amava também, mas me contive, eu não poderia dizer, talvez até o perdesse em breve. Eu tinha medo.

Duas semanas depois, numa sexta-feira, meu conto de fadas, meu castelo de princesa, a casa da bonequinha de luxo, começou a ruir.

Eu estava andando pela casa, admirando a nova pintura da casa. Ela parecia ter criado mais vida.

Alegre, fui até o quarto do Marcus e me deitei na cama de novo. Aspirei o cheiro do meu juiz que ainda estava lá.

Nosso almoço tinha sido uma delícia, como sempre.

De repente meu telefone tocou.

Era a avó da Pri.

Disse-me numa voz forçada que sua doença complicou e que estava num hospital. Luaninha tinha ficado aos cuidados de uma vizinha. Também me disse, controlando os soluços, que o julgamento da Pri seria na próxima

semana e ela não sabia o que iria acontecer com a neta.

Fiquei angustiada quando desliguei o telefone.

— Ah! Pri! Doida! Doida! O que eu faço agora! Droga! Caí na luxúria da paixão pelo meu juiz e me esqueci de visitá-la!

Nem sabia mais em que pé estava a coisa toda.

Coloquei as mãos na cabeça, puxando meus cabelos para cima, meio desesperada.

— Se eu contar tudo para o meu Juiz e pedi que ele a ajude, ele vai achar na hora que só o procurei por causa disso. Mas pior ainda, seria tentar denegrir a imagem dele para que ele fosse afastado do cargo, como eu estava pensando e muito pior ainda é a Pri ir pagar pena. E se a avó dela falecer e a Luaninha for para o orfanato?

Ah! Sinuca de bico da porra! O que eu faço!

Resolvi ir até o hospital ver a avó da Pri.

Assim que saí da casa do meu Juiz, ouvi alguém me chamar.

— Camila.

Quase tive uma síncope ao ouvir meu verdadeiro nome. Era o Kaio. Ele estava do outro lado da rua.

Merda!

— Oi Kaio. O que faz aqui? — perguntei forçando uma tranquilidade que eu não tinha, enquanto ele se aproximava.

— Vim deixar uma encomenda para minha tia, mas ela acabou de me ligar avisando que saiu cedo para ir ao médico, já estava indo embora — explicou.

Era verdade, inclusive fiquei super à vontade depois do almoço, como sempre, que até dormi na cama do meu juiz, por incentivo dele, depois de mais um dia de sexo em cima da mesa da cozinha e o nosso bate-papo pós-almoço de todos os dias. Nem vi quando ele saiu e voltou para o tribunal.

— O que você está fazendo por aqui, ruiva? – perguntou intrigado.

Fiquei calada sem saber o que dizer. Depois inventei uma mentira. No que eu era boa.

— Eu vim...visitar... uma amiga — pausei, escolhendo as palavras.

— Aqui? Mas essa é casa do Juiz Marcus Henrique — comentou olhando-me inteira.

— Ah, é...então, a casa dela deve ser a próxima — continuei falando meio apoplética.

Precisava inventar uma desculpa melhor, ou então ele ia desconfiar.

E se ele lembrar das várias perguntas que fiz sobre o juiz naquela noite, no bar?

— Quer saber de uma coisa, vou deixar a visita para outro dia. Que tal bebermos alguma coisa, Kaio? — pisquei.

Ele sorriu satisfeito, concordando. Puxou-me pela mão e me guiou para seu carro.

Quando já saíamos do condomínio, notei que um carro com vidro fumê entrava no condomínio. Conhecia bem o carro, era lógico, era do Marcus. Abaixei minha cabeça, fingindo procurar uma música no cd player do Kaio. Encontrei uma qualquer e aumentei o volume.

— Alexia! — ouvi Marcus me chamar. Ele tinha me visto no carro.

Não olhei para fora do veículo.

— Adoro essa música — comentei alto para Kaio.

— Eu também — respondeu satisfeito. Ele nem ligou para o Juiz esbravejando, isso porque, meu nome não era Alexia, mas Camila.

Só que agora, eu era uma mulher morta, o Juiz ia me matar, quando me encontrasse de novo!

No mínimo ia pensar que eu estava indo para cama com o Kaio, também.

Putz, você é ótima, Camila, só faz merda!

Mais isso seria até menos mal, do que se ele soubesse toda a verdade!

Assim que sentamos numa mesa. O bar tender, amigo do Kaio, trouxe nossas bebidas.

Já estava ferrada mesmo, então, comecei a virar copo atrás de copo.

Meu celular vibrou desesperado no meu bolso. Verifiquei, era o Marcus.

Um tempo depois, após vários toques, deixei de lado.

Quando verifiquei já tinha mais de dez ligações dele.

Quarenta minutos depois eu já estava bem alegrinha, de tanta bebida que tomei.

Senti as mãos do Kaio, alisando meus braços.

— Vamos para um lugar mais reservado, gata? — propôs num jeito conquistador.

Mal ele fechou a boca. Vi um rapaz bem vestido, sem gravata, alto, loiro, e forte entrar pela porta de entrada.

Ele me olhou com seus olhos azuis, enfurecido.

Aproximou-se da nossa mesa lentamente.

Percebi, claro, que pelo jeito não era só eu quem estava bebendo. Seu olhar estava pesado. Marcus devia ter tomado uma garrafa inteira de uísque na casa dele!

Antes que eu respondesse a pergunta do Kaio, pois estava muito impressionada com a visão do meu Juiz se aproximando, o doido do rapaz me puxou pelo queixo para um beijo.

Marcus o arrancou com toda força de perto de mim. Jogando-o sobre as mesas.

— Tira as mãos da minha ruiva, seu fedelho! — disse furioso.

— Ei cara, que porra é essa!? — exclamou Kaio, assustado. Não entendendo a agressão do Juiz.

Se ele não tivesse bebido, com certeza, não revidaria.

Mas ele estava bêbado, assim como eu e revidou a agressão do Marcus. Ele foi em cima dele e o socou na cara.

Eu gritei com a cena. Marcus caiu por cima de uma das mesas.

— Não, Kaio! — tentei segurá-lo.

O Juiz foi em cima dele com fúria e o acertou também.

Dele. eu nem me atrevi chegar perto. Parecia um animal descontrolado.

A seguir a pancadaria entre eles ficou incontrolável.

Um socando o outro.

— Minha nossa! Alguém faz alguma coisa! — gritei desesperada.

Enfim, depois de quebrarem algumas mesas, eles foram contidos pelos homens do bar, mas eles ainda continuavam se xingando.

— Acalmem-se rapazes — exclamou o bar tender, agoniado — Acho melhor você sair daqui, moça! — vociferou para mim ao lado dele, afinal, a culpa do ocorrido, de eles terem quebrado tudo no bar do cara, era minha.

Capítulo 9

Camila

Saí rápido do bar, mas mal atravesssei a rua, o Juiz me puxou pelo braço, arrastando-me para o seu carro.

— Você enlouqueceu! — gritei com ele.

— Cala a boca, e vem comigo — rugiu.

Ele abriu a porta do carro e eu entrei contra minha vontade.

— Você é um idiota sabia! — exclamei, revoltada com seu jeito grosso.

— E você é uma..

— Fala? Vai? Diz que sou uma puta, piranha, ou o que seja, estou pouco me lixando para o que você pensa de mim, Marcus!

Ele bateu o volante com raiva. E eu fiquei assustada. Em seguida, passou a dirigir muito rápido, poderia acontecer uma tragédia ali.

— Por que você fez isso comigo. Porra, Alexia!

Não respondi, encolhi-me no meu lugar. Ele estava coberto de razão de me achar uma piranha, mas minha cabeça agora estava muito confusa. Eu tinha muitos problemas para resolver, e a maioria nem eram meus de verdade!

Mas agora, estou com o pé completamente na jaca! Meu juiz me odeia!

Assim que ele estacionou em frente a casa dele, tirou-me do carro e me arrastou, puxando-me pelo braço, para a porta da entrada. Passamos pelo hall e subimos as escadas. A expressão dele era de extremamente zangado. Não sabia o que faria comigo.

Ele abriu a porta do quarto e me colocou para dentro, em seguida, fechando-a. Só então me soltou.

Fiquei parada massageando meu braço que ele tinha puxado.

Marcus me olhou com seus olhos acesos e passou a andar de um lado para outro, passando as mãos vigorosamente nos seus lindos cabelos

dourados. Parecia um animal, feroz, acuado.

— Por que você fez isso. Alexia? Você está indo pra cama com ele e comigo? Porra! Ah quanto tempo faz isso? Nunca me disse que tinha outra pessoa! Ele é seu namorado?!

— Não! Ele não é!

— E por que você fingiu que não me viu e ainda por cima foi beber com ele? Ele estava prestes a te beijar! Eu queria matá-lo!

Ele jogou as coisas de cima da cômoda, continuou andando de um lado para o outro no quarto.

Olhei para ele inteiro, mesmo com raiva, continuava tão lindo.

Eu não queria perdê-lo.

Não posso perdê-lo!

Eu sei que ele vai me odiar!

Aproximei-me dele com toda minha coragem e disse inflamada.

— Eu te amo Marcus. Eu não vou dizer pra você que sou uma santinha, mas eu não tenho nada com ele. Acredita em mim, por favor. Eu te amo, meu amor, só tenho você na minha vida!

Ele parou de repente, olhou-me inteira, fechou os olhos, num ato para controlar sua raiva, e se sentou na beira da cama.

— Você diz que me ama, mas que amor é esse, Alexia? Você foi com aquele imbecil! Fez de conta que não me viu, porque fez aquilo comigo? Eu não consigo entender! Achei que estava indo tudo bem entre nós. E de repente você...Você me deixa completamente fora do meu normal!

Aproximei-me dele e me sentei ao seu lado. Peguei sua mão, e fiquei aliviada de ele não a puxar de mim.

— Eu te amo muito, Marcus. Eu nunca me envolvi com homem nenhum assim como estou com você, eu sou uma pessoa problema, eu sou estorvo para o meu pai, para minha avó, eu...— comecei a chorar sem conseguir falar

mais nada.

Estava morta de errada, mas não queria perdê-lo.

Ele ficou me olhando, as sobrancelhas ainda estavam franzidas. Mas, então, aproximou-se de mim e limpou minhas lágrimas que caíam sem parar.

Encarei-o, sentindo-me mais aflita ainda. Eu precisava contar tudo!

Juntei toda minha coragem e abri a boca para contar tudo a ele.

— Eu...

— Shhh. Não fala nada. Você bebeu demais e eu também. Acho que é melhor deixar para conversamos amanhã. Já fizemos muita bobagem por hoje, Alexia.

Ele acariciou meu rosto. Fez menção de se levantar, mas eu, num rompante o puxei de volta, subi sobre suas coxas, desesperada. Fiquei em seu colo e o beijei.

Marcus não se fez de rogado, e invadiu minha boca, ávido, faminto, como o homem sedento que era por mim.

Começamos a nos despir rapidamente, gemendo de ansiedade um na boca do outro. Quando já estávamos nus, ele veio por cima de mim, e num ato insano, começamos a fazer amor sem preservativo.

— Ah, Marcus! — gemia alto, enquanto ele se enterrava em mim, sem pena, insano, apertando minhas papas da bunda, beijando minha boca, mordicando meu pescoço.

Se eu amava transar com ele com proteção, aquilo era surreal. Eu o sentia inteiro pulsante dentro de mim. Estava encharcada de excitada, e o comprimia, querendo-o mais.

— Oh, minha ruiva, como você é deliciosa, meu amor. Minha mulher. Eu não quero parar, eu não vou parar, você é minha. Só minha, Alexia.

Enlacei minhas pernas nele, trazendo-o inteiro para dentro de mim. Suas investidas passaram a ser profundas e mais lentas, mas contínuas, fazendo-me

delirar. Já estava louca, ele estava deliciosamente, insano.

— Ah, Marcus, meu amor!

— Diz que você é minha Alexia!

— Sempre, sempre, sou sua, meritíssimo.

Em seguida, rolamos na cama e eu o montei. Deslizando freneticamente, com sua ajuda no seu pau. Fiquei nesta posição por todo tempo que suportei, então, ele veio por cima de mim de novo, dando-me investidas, por minutos sem pena, rugindo alto. Meu corpo balançava em cada enterrada dura sua. Estava amando seu ataque contínuo sobre mim e ainda daquele jeito, pele com pele, suor com suor.

— Oh! Minha Alexia, minha feiticeira. Você é minha, meu amor, preciso muito de você...preciso dessa sua buceta quente e apertada, macia..oh...estou sonhando nessa porra! Diz que é minha! Só minha!

— Sou sua, meritíssimo, só sua, para você me foder a hora que quiser! Só você, meritíssimo.

Sua boca não deixava a minha, ele apertava forte minhas coxas e minha bunda, puxando-me mais para ele, arremetendo-se continuamente.

— Eu te amo, Alexia. Eu nunca desejei tanto uma mulher como eu te desejo, minha ruiva. Oh...E agora, não posso mais viver sem você...oh...porra você me pertence.

— Ah, meu meritíssimo, sim, sou sua Excelência, Juiz Marcus Henrique! Eu te amo, eu te amo!

Ele sentou na cama e me puxou sobre ele. Enlacei-o pelo pescoço sem deixar sua boca um instante. Enrolei minhas pernas nele, trazendo-o mais para mim.

Assim que ele sugou meus seios, eu gritei, gozando descontrolada, tendo-o inteiro em mim.

— Aah...meu amor..Aah...eu te amo. Marcus.

Beijou-me, enquanto eu gemia sem forças nos braços dele. Assim que me recuperei, Marcus me colocou de quatro na cabeceira da cama. Penetrou suavemente na minha fenda por trás, depois acelerou e aprofundou as investidas, fodendo gostoso de novo comigo. Empinei ousada, rebolando, e ele gozou. Apertou meu corpo, fazendo-me ficar colada a ele. Estava, ansioso, frenético. Senti todo seu jato quente de porra dentro de mim.

— Oh...Alexia...Oh! Como eu te amo, porra! Ooh..deliciosa! Olha que me faz, me põe louco. Você me tirou a sensatez. Eu sou louco por você! Louco!

Depois, ele desabou sobre mim, mas com cuidado, em seguida virou-me de frente para ele, puxando-me para os seus braços.

Beijou minha boca e pegamos no sono, meio bêbados, abraçados, mas completamente felizes e satisfeitos.

De madrugada, senti seus beijos. Fizemos de novo. Foi tão gostoso quando a primeira, só entre nós, pele com pele. A casa era só gemidos, o nosso de satisfação.

De manhã, acordei com ele, de novo, beijando meu pescoço e meus seios.

— Vamos, meu amor. A banheira nos espera. Depois vamos tomar um café forte para tirar de vez essa nossa ressaca — disse humorado.

Não respondi, apenas meu gemido preguiçoso foi a resposta.

Fiquei agradecida, quando ele me carregou até o banheiro. Fizemos a higiene bucal e entramos na água juntos, lavando um ao outro. Aproveitei cada instante que tínhamos juntos, pois assim que nos vestíssemos, iria contar tudo a ele. E o meu tempo de felicidade iria acabar.

Durante o café, não consegui comer nada. Ele ficou me olhando,

preocupado, com certeza, percebendo meu jeito estranho, meu olhar angustiado.

— Coma alguma coisa, Alexia, por favor meu amor, vamos colocar uma pedra no que aconteceu ontem. Se você disse que não aconteceu nada entre vocês eu acredito.

— Sério? — falei surpresa, sentindo um pouquinho só de alívio.

— Sim. Aliás, depois do presente que me deu ontem, uma pedra não, vamos colocar uma montanha inteira no que aconteceu — disse resolutamente, pegando minha mão e beijando.

Olhei para ele, querendo chorar.

Esse cara não existe!

Eu preciso falar. É agora ou nunca. Eu não o mereço.

Puxei minha mão dele e levantei meu olhar determinada em sua direção.

Comecei, mas não consegui.

— Se você tem alguma coisa a mais para me dizer, então diga, Alexia — disse calmo, deixando o resto do seu café de lado, puxando-me para o seu colo e beijando meu pescoço. Depois me abraçou — Mas, não fica assim, minha ruiva problema. Não me deixa assim preocupado — pediu, carinhoso.

Retirei suas mãos de mim com gentileza e olhei para ele, buscando toda coragem que tinha nas entranhas.

É agora, Alexia!

Ele estava lindo de camisa branca e bermuda bege. Sua expressão era tranquila, serena, por enquanto. O rosto dele estava um pouco vermelho, resultado da briga da noite anterior.

Toquei no seu belo rosto. Respirei fundo, e me levantei do seu colo.

— Meu nome não é Alexia, Marcus. Chamo-me Camila — falei de uma vez.

Ele franziu as sobrancelhas.

— E o que você quer me dizer com isso? Você é uma fugitiva da polícia?
— perguntou atônito, levantando-se também.

— Não! Mas, já aprontei muitas, não sou nenhuma santinha. Algumas tão pesadas que deixei meu pai com os cabelos em pé, mas nunca fui para a cadeia.

Ele ficou calado, deixando-me falar.

— Eu moro com meu pai, mas estou na casa da minha avó, atualmente
— fiz uma careta desgostosa por minha mentira de antes e continuei —
como já te disse sou uma filha problema para o cara.

Respirei fundo de novo e continuei falando, mas sem olhá-lo.

— Minha amiga foi presa por roubo de uma carga de televisores e está respondendo processo aqui na cidade. O julgamento dela será na próxima semana e se... — minhas lágrimas começaram a cair. Não consegui terminar.

Ele, que estava quase ao meu lado, afastou-se. Já imaginando que era coisa séria.

Forcei-me a continuar.

— Você é conhecido na cidade como um Juiz muito rígido, todo certinho. Porra, Marcus, um cara que não deixa passar uma no seu tribunal, que dá sempre o exemplo...Então ela me disse que se não fosse você, mas outro juiz quem a julgasse, ela teria alguma chance...

Parou de olhar para mim, voltou-se para a janela, com as mãos nos bolsos.

— Pri jurou para mim que não sabia que a mercadoria era roubada. Ela tem uma filhinha de dois anos que corre o risco de ir para o orfanato se ela cumprir pena, ela só tem uma avó que está no hospital, muito doente, podendo até morrer, Marcus!

Quando terminei, ele continuava sem me olhar.

Ainda mantinha as mãos nos bolsos. Sua indiferença a mim era latente,

agora.

Isso não me surpreendeu. Era doloroso, mas não difícil de entender. Eu já sabia que ele ia me odiar quando soubesse de tudo mesmo!

Eu, que sempre me achei a espertinha, a crânio em relação às outras pessoas, estraguei tudo, como a burra, que realmente era.

Sua expressão era fria e distante quando disse:

— E como pretendia conseguir me afastar do tribunal, do meu cargo de juiz?

Não sou digna desse homem!

— Naquele dia no bar quando nos vimos a primeira vez, eu embebedei o Kaio e o fiz falar tudo que sabia sobre você. Depois vim trabalhar aqui. Meu plano era,— comprimi os olhos, muito envergonhada e continuei — Eu ia aproveitar aquele dia da festa. Eu percebi que você bebeu, então meu plano era entrar no seu quarto, — continuei, agora, chorando muito — e...colocar seu braço preso a cama com uma algema e... espalharia alguns brinquedos eróticos perto de você e tiraria algumas fotos...enviaria, então, para um jornal da cidade e um conhecido da capital...para...você sabe...eu queria tirar sua moral de bom juiz.. Mas aconteceu tudo diferente do que eu imaginei. Eu me apaixonei por você, Marcus! — terminei aos prantos, indo até ele, pegando nos seus braços. Ele puxou com força e se afastou de mim.

— Sinto muito, mas já li e reli o caso da jovem que estava envolvida no assalto e ela realmente é culpada. Pelo menos até agora, a advogada e defensora publica, que está com o caso dela ainda não me entregou nada que me faça pensar o contrário. O julgamento dela será na quarta-feira.

Passou as mãos nos lindos cabelos dourados, com dedos trêmulos.

— Agora, por gentileza, senhorita. Retire-se da minha casa, imediatamente — disse muito ríspido.

Passei a soluçar mais copiosamente.

Ele estava me expulsando de sua vida!

Minhas lágrimas escorriam pelo meu rosto intensamente.

— Marcus, eu... — tentei ainda.

Ele saiu do quarto e eu o segui.

— A Luaninha é praticamente um bebê, por favor! — implorei.

— Não se preocupe, senhorita, Camila, ou seja lá qual seja seu nome, — fitou-me com suas pedras geladas, sem pena e continuou — se acontecer o pior com a avó dela, eu tornarei você a tutora da criança até que a mãe dela pague por sua pena e saia da cadeia — respondeu com muita frieza, como se estivesse no seu tribunal.

Limpei minhas lágrimas com as costas das mãos. Fitei-o sentindo repúdio.

Como ele pode ser assim?

— Você...é um monstro — acusei.

— E você é uma farsante, vigarista! Eu já ouvi absurdos demais, moça, saia daqui!

Desci as escadas e corri para a porta da frente.

— Que monstro imparcial é esse! — gritei inconformada.

Sentia-me arrasada, um lixo.

Peguei minha bicicleta e voltei para casa, chorando.

Agora conhecia a outra faceta do Meritíssimo Marcus Henrique Toledo. Ele era implacável.

Fiquei perto da praia um tempo, procurando me acalmar. Só depois é que consegui voltar para casa.

Assim que minha avó abriu a porta, recebeu-me com o jornal na mão e uma expressão chocada.

— Você pode me dizer, pela fé, pela nossa senhora, se você tem alguma coisa a ver com isso, Camila?

Peguei o jornal das mãos dela e vi a notícia de capa: Briga no bar entre o Juiz Marcus Henrique e Kaio, sobrinho da governanta da casa dele.

A notícia dizia que a culpada pela briga teria sido uma ruiva por quem eles se esmurramam no local.

Porra, cidade pequena é uma merda mesmo!

— Eu não sou a única ruiva nessa cidade, Vó — respondi sarcástica, entregando o jornal de volta para ela.

— Pois é, só que o Kaio, mora a duas casas da nossa, e você é a maior ruiva problema que eu conheço no momento na cidade, além de sua mãe, só que ela, está bem longe, no Japão.

Ah! Essa é minha Vó. Ela não deixa passar uma!

— Você estava trabalhando na casa do Juiz Marcus Henrique, todo esse tempo?

Fui até a geladeira e me servi de água.

— Sim, vó — respondi sem ânimo algum.

Eu o tinha perdido para sempre.

Ela se sentou no sofá, abanando-se com o jornal.

— E você envolveu-se com ele e com o Kaio? Camila, como você pôde, garota? Eu jamais poderia imaginar você e o Juiz juntos.

Ela continuou falando, dando-me sermões, mas em seguida, mudou o tom. Parou de me repreender e passou a agir com alcoviteira, toda empolgada.

— O Kaio é um bom rapaz, mas o Juiz é um lorde perto desses caras estranhos que sei que você já se meteu. Se você se casasse com o Juiz, seria maravilhoso, minha querida. O Juiz é um bom homem, seria um sonho para qualquer avó...

Balancei a cabeça, rosnando, zangada, e ela me seguiu.

— Não tô acreditando nisso, vó — reclamei.

Passei as mãos nos cabelos e depois cobri os ouvidos com as mãos.

— Mas filha, se você se casasse com o Juiz, poderia me dar meu bisneto que tanto sonho em ter um dia! Estou velha, tenha dó de mim, Camila!

Voltei-me para ela, angustiada, com as mãos juntas, suplicando:

— Vô, por favor, não fala mais nada. E você vai viver muitos anos ainda, falou. Deixa eu ficar no meu quartinho, jogada lá, e por favor...por favor mesmo, não me chama até o ano que vem!!

Fechei a porta rápido, mas sem bater na cara dela.

Minha nossa! Como minha avó é romântica e sonhadora. Ela não tem ideia! O Juiz me odeia!!

Joguei-me na minha cama e me entreguei às lágrimas de novo, até pegar no sono.

Capítulo 10

Camila

Os dias passaram normais e não ouvi mais falar do meu juiz. Inclusive evitei até ir à casa dele. Pedi dispensa do trabalho, à Sra. Íris, por telefone mesmo.

Já a conta no banco, continuava ativa, porém não usei mais nada de lá, estava me virando com o que ainda tinha comigo.

Na quarta-feira, acordei cedo e fui direto para o tribunal. A banca e o povo todo que faziam parte dela já estavam a postos quando cheguei. Olhei ao redor e não vi a avó da Pri.

Depois de vinte minutos o Juiz entrou no recinto e ocupou seu lugar.

Fiquei impressionada como sua presença austera que se impunha sobre nós pela posição que lhe cabia o cargo de julgar o destino dos cidadãos daquela cidade. Sua vestimenta preta e sua expressão extremamente sisuda, rosto lívido fizeram-me ficar rígida no meu lugar.

Sua imagem era surreal, nem dava para acreditar que aquele ser espectral já tinha estado várias vezes dentro de mim tomando meu corpo e me fazendo gritar nos seus braços insanamente, tantas vezes. Ele parecia outra pessoa. E completamente indiferente a mim.

Tratei de mudar meus pensamentos e me concentrei no que realmente importava, sobre o que aconteceria naquela corte e qual seria o destino da minha amiga, doida e muito ferrada, Pri, depois do julgamento. Ela seria inocentada? Será que haveria chance?

Alguns minutos depois a avó da Pri, entrou na sala também. Chamei-a para ficar ao meu lado.

— Desculpe o atraso — ela disse baixinho, nervosa.

— Não se preocupe ainda não começou. A Sra. está melhor? — perguntei.

— Sim, graças a Deus, filha — respondeu, com um sorriso, porém percebia-se seu abatimento e preocupação com a neta desajuizada.

O julgamento foi anunciado e Pri entrou na sala também. Seu olhar em nossa direção era sereno, ela estava esperançosa. Um rapaz, bem bonito, usando a vestimenta formal e adequada para o momento, sentou ao seu lado.

— Quem é esse? Não era mulher a advogada dela? — perguntei confusa.

— Era. Acho que trocaram de defensor. Não estou sabendo — a avó respondeu, tão confusa quanto eu.

Juntei as sobrancelhas sem entender. Observei com mais atenção o novo advogado da Pri, e num lapso, lembrei dele da festa na casa do Juiz.

É o defensor público, primo do Marcus!

O ambiente estava agradável, mas comecei a ventilar, nervosa. Tentando entender o que estava acontecendo. Só sabia que, agora, a situação da Pri, pelo jeito, tinha se complicado mais ainda, e eu não podia fazer nada.

Depois de algum tempo, com a exposição do caso e as provas que foram apresentadas ao Juiz, pelo advogado da Pri, incrivelmente ela foi absolvida de culpa no assalto.

Ela era inocente. Tudo foi esclarecido enfim.

Eu e a Avó dela nos abraçamos saltando de alegria, e depois fomos autorizadas a nos aproximar da ex detenta, agora livre, ufa!

— Uhuu, você tá livre doida! Você uma puta de uma sortuda! — falei baixo só para que ela ouvisse, abracei-a.

— Graças ao Juiz Marcus Henrique, que solicitou a troca do meu defensor. Meu novo advogado é demais, Cami, investigou tudinho, ah, por isso deu tudo certo!

— Então precisava só disso: Trocar de advogado? — exclamei, tentando manter a voz baixa, mas puta da vida com ela — Não acredito, Pri! Eu te mato qualquer dia desses! — falei entre dentes, com vontade de apertar o

pescocinho fino dela.

— Não era só isso não, Cami, tinha que ser um bom advogado, e o Sr. Joseph é o melhor.

Nesse instante, o advogado dela se apresentou para mim e à avó dela. E em seguida acompanhou Pri, até outra sala, para que ela cumprisse os últimos trâmites legais antes de ir para casa. E nós fomos encaminhadas a ir para uma outra porta indicada pelo guarda, já que outra sessão seria iniciada.

Olhei de soslaio para a mesa do Juiz e suspirei fundo. Ele não olhou nenhuma vez em minha direção durante a sessão da Pri. Provavelmente essa seria a ultima vez que nos veríamos de novo.

Adeus, meritíssimo, meu Juiz Marcus Henrique!

Meus olhos arderam e eu saí da sala.

Marcus

Entrei na minha sala e coloquei os acessórios que usava durante os casos e as sentenças do tribunal, sobre minha mesa.

Sentei-me. Era como se tivesse um grande peso nas costas.

Aqueles dias estavam sendo os piores possíveis para mim.

Abri minha gaveta e encontrei a foto da Alexia, ou melhor, Camila, que eu mantinha sobre a mesa até poucos dias. Na imagem estávamos abraçados, sorrindo, em pé na borda da piscina. Estávamos em casa, e ela usou o automático da câmera para fazer a foto. No outro dia pedi que minha secretária a enviasse para emoldurar.

Nunca tinha sentido algo tão forte como senti pela Camila, a não ser claro, por minha esposa.

Ângela estava grávida e o que aconteceu foi uma fatalidade. Demorou até que eu conseguisse superar a dor da perda e voltar a minha vida nos tribunais.

Ao conhecer Camila, senti-me como se tivesse rejuvenescido, ou melhor, como se estivesse vivo de novo. Eu me envolvia com as mulheres antes, mas era superficial, apenas sexo e nada mais. Mas com ela, aquela ruiva problema, foi completamente diferente. Envolvi-me totalmente, apaixonei-me sem conseguir frear, caí de cabeça, ela me dominou, fez-me dela, assim como a fiz minha.

No entanto, nada se é como imaginamos. Eu não passava de um imbecil para ela, a qual ela queria tirar do tribunal, apenas para livrar a amiga da prisão.

Andei de um lado para outro da sala.

Eu estava tentando, mas não conseguia esquecê-la.

Amava a Camila, só pensava nela.

Mas ela tinha mentido para mim. Tudo tinha passado de uma sórdida

mentira. Ela nunca me amou.

Sentei-me cansado na poltrona.

De repente, veio a lembrança do que ela dissera, sobre a amiga ter uma filhinha.

Na hora, que ela me contou tudo, como estava com muita raiva, sentindo-me traído, quase nem ouvi direito. Fui rude e a expulsei da minha casa.

O que podia fazer além disso?

Ela tinha até arquitetado um plano para que eu fosse exonerado do meu cargo? A minha sorte foi que ela mudou de ideia.

Continuei pensando na situação da amiga dela.

Bem, a criança não tinha culpa das ações da mãe, que era a amiga da Camila.

Talvez eu pudesse fazer alguma coisa pela moça e ajudá-la a ficar com sua filha.

Por que Camila não me contou a verdade desde o início? Se ela tivesse me procurado, eu teria ajudado a amiga e tudo em nossas vidas poderia ter sido diferente.

Balancei a cabeça, inconformado, pela atitude insana dela. Ela era jovem, praticamente uma menina, mas transava como uma mulher muito experiente na cama.

Droga, não consigo esquecê-la. O sabor, o cheiro, tenho tudo para sempre na minha mente!

Resolvi analisar de novo o processo da amiga dela.

Abri a pasta da papelada e vi uma brecha.

Liguei para minha secretária.

— Ligue para meu primo Joseph, por gentileza, Ana.

Ela retornou em seguida e passou a ligação dele.

— Joseph, como vai, tem ido surfar?

— Olá, primo. Que nada Marcus, tenho surfado apenas em casos para defender. Quando terá festa na sua casa de novo? Preciso relaxar um pouco e dançar com alguma de suas pretendentes que a tia Brenda costuma convidar.

Ambos rimos.

— Em breve, tenho certeza que minha mãe já deve estar preparando outra. Mas só será convidado se fizer um favor para mim.

Ele concordou humorado.

Expliquei todo o processo da amiga da Camila, Priscila Trindade, tudo como estava até ali. Comentamos algumas coisas que precisavam ser analisadas. Ele me disse que assumiria o caso tranquilamente. Pedi que ele aparecesse naquele mesmo dia.

Já passava quase do meu horário quando terminamos a reunião. Joseph saiu de lá, assegurando que viria com todas as informações, disse que pelo processo dela, havia mesmo muita chance de a garota ser inocente.

O resto da semana passou dinâmica, no tribunal, como sempre. Ao sair de lá, evitei ir ao bar que gostava de frequentar, não queria mais saber de escândalos, já bastava de comentários no tribunal, sobre a Camila e eu.

No final de semana, acordei cedo, conferi a previsão do tempo, teria ondas altas, então resolvi ir surfar. As ondas estavam boas sim, mas minha cabeça é que não estava.

Camila teimava em continuar nos meus pensamentos. E indo ali surfar, só lembrava mais dela.

No domingo, sempre gostava de levá-la numa área que não era muito frequentada da praia. Eu a instruía na prancha, ela não sabia nada no início, mas algumas vezes depois, já pegava o jeito. Quando cansava de tomar caldo, ela saía aborrecida, mas logo a deixava de bom humor com meus carinhos.

Foda, pensar nisso! O melhor é esquecer!

Quando saí d'água ouvi alguns cochichos próximos, eu sabia do que falavam, da minha briga com Kaio, no bar, por causa da Camila.

Porra, de novo!

Cidade pequena era mais que previsível.

Não demorei muito, voltei logo para casa.

Na quinta-feira, recebi minha mãe. Era dia de visita dela. Agora que Camila não estava mais comigo, parei de inventar desculpas para que não fosse.

D. Brenda não gostou nada de saber da tal briga por causa da ruiva, ficou em choque quando confirmei o ocorrido. Disse até que eu tinha enlouquecido e perdido minha compostura de juiz por causa dela.

Mas agora estava tudo bem, pelo menos tinha parado de me atormentar com o assunto quando conversávamos por telefone.

Ouvi a campainha tocar, e fui abrir a porta para D. Brenda.

— Boa noite filho.

— Boa noite, mãe. Como vai, esta tudo bem?

— Sim filho, muito bem. Ainda mais agora que sei que se afastou daquela garota. O que a governanta preparou para nós? Espero que...

Ela parou de falar observando tudo ao redor. A pintura e uma parte da decoração tinha sido mudada, coisa da Camila, apoiada por mim. Ela tinha me oferecido algo muito prazeroso na cama caso eu mudasse a cor. Tivemos sexo anal, o melhor dos meus sonhos algumas vezes e com isso, mudei não só a cor das paredes, mas outras coisas para deixar o ambiente mais alegre, e como recompensa, pude usar meu chicote sempre que quisesse com ela também. Eu não era um sádico, muito menos um dominador sádico, eu só gostava de me divertir um pouco, além do trivial e Camila era uma mulher ávida por me satisfazer. Só que eu tinha que aceitar, ela sempre fazia sim, mas tinha segundas intenções.

— Você mudou tudo aqui— minha mãe comentou, fitando-me surpresa
— O ambiente parece mais radiante agora. Gostei de tudo, filho.

— Obrigada, mãe. Mas foi ideia da Cam., ou melhor, Alexia.

Não tinha comentado ainda com ela sobre esse pequeno detalhe, de a Alexia ser na verdade, Camila.

Ela mudou logo de assunto.

— Filho, pensei em fazermos uma festa para alegrar mais ainda esse lugar. Quero vê-lo feliz. O que acha?

Não estava nem um pouco disposto a receber convidados para os bailes que ela promovia na minha casa, mas para deixá-la animada, aceitei.

No outro dia, era óbvio, que minha mãe lotaria minha casa de pretendentes para mim.

Dancei com algumas, mas apenas para tentar esquecer Camila. Na última vez que aconteceu, eu a tive nos braços pela noite inteira, inclusive na cama. Ela foi minha convidada especial da noite e deixou minha mãe bufando de raiva. Não pensei em chateá-la. Eu só estava feliz, mas nada. Minha mãe ficou muito irritada e até ficou sem falar comigo por dias, por causa do ocorrido.

Só que dançar com as convidadas dessa vez, era só ilusão, poderia dançar com todas, mas só veria Alexia nos meus braços. Era o que já acontecia.

Joseph apareceu quase no final da festa e ficamos conversando sobre o caso da amiga da Camila. Ele me deu certeza da inocência da garota. Agora só faltava a audiência para absolvê-la.

Quando todos saíram subi para meu quarto com uma garrafa de uísque. Passei a pensar em Camila. Masturbei-me em baixo do chuveiro.

Voltei para cama e caí nu lá, tocando nos lençóis, tentando sentir alguma coisa do cheiro dela, o que seria impossível.

Apaguei em seguida.

O dia da audiência chegou.

Algumas aconteceram antes, e passei a ficar ansioso à medida que o tempo se passava e o processo da Priscila se aproximava. Meus olhos não saíam da porta de entrada. Era óbvio, estava louco para ver Camila.

Assim que ela entrou, fiz uma carranca. Não poderia demonstrar que eu estava morrendo longe dela. Ela usava um vestido comportado de cor fria, uma roupa completamente diferente do seu usual, isso até a fazia parecer mais velha do que realmente era, tinha apenas dezenove anos. Era linda de qualquer forma que se vestisse. Aquela jovem ruiva de corpo escultural não tinha saído da minha cabeça nem por um minuto! Era minha feiticeira.

Não era normal o que ela me fazia sentir.

Passei a me concentrar nos autos do processo para me policiar em não olhá-la

A audiência começou.

No tempo estipulado, resolvi dar por encerrado. Fiquei satisfeito. Como já esperava, Priscila tinha sido manipulada.

Bati o martelo e tudo acabou bem. A garota foi absolvida de culpa no caso. Ela realmente era inocente.

Camila e a avó da Priscila foram até ela e abraçaram com sorrisos soltos. Quando ficaram mais contidas, a ruivinha voltou-se para me olhar, mas evitei o contato visual.

Eu tinha direito a um pouco de ar fresco antes de abrir a próxima audiência. Na verdade, eu precisava sair do recinto e colocar a cabeça de volta no lugar. Ficar com Camila no mesmo ambiente, ainda mais naquela

situação, eu maluco por chegar perto dela, foi algo muito perturbador.

Saí da sala e passei para a varanda. Soltei um pouco a peça de tecido do pescoço, que fazia parte do traje e respirei fundo. Apoiei as mãos no aparador.

Ela tinha aprontado comigo!

Esquematizou um plano sórdido!

Queria me fazer ser afastado do meu cargo só para ajudar a amiga!

Tudo bem, que mudou de ideia depois, mas e quanto à mentira? Isso pesava muito, tinha sido muito grave.

Porém, nossas noites de sexo não saíam da minha cabeça. Mas não era só isso, eu adorava a companhia dela. Às vezes me iludia, achando que ela seria minha esposa um dia.

Quando eu soube de tudo, ou melhor, quando ela me contou tudo, eu a expulsei.

No outro dia, ela se demitiu, sem falar comigo. Era óbvio, apenas ligou avisando para a D. Íris que não iria mais. Enviei o pagamento para sua conta, que abri no meu nome para ela, mas algo me intrigou. Ao consultar o saldo, ela não tinha usado quase nada.

Alguns dias depois, ainda estava tudo lá. Camila não tinha usado nada.

Por quê? Então ela não queria mais nada vindo de mim?



Capítulo 11

Marcus

Alguns dias depois, sentia-me mais calmo e tranquilo, um pouco.

Porém, ainda pensava muito na Camila, ainda bem que estava se tornando controlável.

Não tinha dormido com ninguém, mas aceitei que minha mãe fizesse outra festa em casa, como ela tanto insistiu, para me animar.

Decidi almoçar em casa, no caminho, vi Camila caminhando na calçada.

Meus olhos a seguiram, imaginando ser uma visão. Resolvi parar o carro. Saí de uma vez e a segui. Ela estava tão linda num vestido de tecido leve, que ia até as coxas. Era uma roupa comportada de novo, nada de minissaias como ela usava quando estávamos juntos, sozinhos em casa. Mesmo assim, chamou-me a atenção. Tudo nela mexia comigo. Até se ela usasse um saco eu a acharia atraente.

Ela entrou numa farmácia. Fui até lá.

Camila

Um mês depois ainda estava morando com a minha Avó em Paraty.

Pri conseguiu emprego numa loja de um shopping da cidade, a Avó dela estava muito bem de saúde e Luaninha, feliz e sapeca como nunca, pois agora tinha sua mãezinha com ela de novo.

Eu, ao contrário de Pri, não estava trabalhando, mas resolvi ouvir os conselhos da minha avó e prestei vestibular para uma faculdade. Matriculei-me até num cursinho, onde precisava acordar cedo todos os dias. Então para mim, era como se fosse um trabalho também.

Até que a turma era bacana. Os rapazes então, super atenciosos, mas eu não tinha disposição nenhuma para os boys, não dei bola para nenhum deles.

Não me sentia empolgada em me relacionar com rapazes ainda. Meu Juiz permanecia muito vivo na minha cabeça. Achava que não conseguiria esquecê-lo tão cedo. Ele era bem difícil de arrancar da mente e do coração.

Eu andava um pouco preocupada também.

Aliás, quase desesperada!

Minhas regras estavam atrasadas há duas semanas!

Estava com medo de pensar, na realidade, não queria nem pensar que eu poderia...

Êpa!Êpa! Não! De forma alguma!

Mas não achava que fosse normal atrasar tanto tempo assim, ou era?

Decidi que ia verificar.

No outro dia, fui para o cursinho. Ao sair de lá, vi uma farmácia no final da rua.

Entrei lá, e pedi o produto para a atendente.

Quando ela se afastou para pegar o teste de gravidez, senti que alguém se aproximava do balcão. A pessoa ficou ali, ao meu lado.

— Oi, Camila. Ainda está na cidade?

Meus olhos quase saíram das órbitas, reconhecendo aquela voz.

Voltei-me para fitar a pessoa. Era o Marcus. Ou melhor, sua excelência, o Juiz Marcos Henrique Toledo.

Não consegui responder. Minha voz não saía.

—Achei que você já tivesse voltado para a casa do seu pai? — continuou perguntando, colocando as mãos nos bolsos. Seus cabelos cresceram um pouco e ele estava com a barba por fazer, algumas olheiras apareciam, também, só que eram suaves, mas ele continuava lindo de morrer.

Marcus estava muito bem vestido. Estava de terno, cujo corte era elegante, padrão dele. Lembrei logo de quando ele ia almoçar em sua casa.

Eu o esperava sem calcinha na cozinha, tinha prazer em tirar cada peça do seu corpo. Depois de eu colocar a mesa, ele entrava no local, colocava-me sobre o móvel, de pernas abertas para ele, ou então de costas, empinada e em seguida enterrava-se em mim a valer. Só depois de gozarmos é que íamos almoçar.

Fechei meus olhos afastando a lembrança.

Ele parecia tranquilo, nem um pouco afetado como eu estava com sua presença.

Consegui encontrar minhas palavras e respondi.

— Não voltei ainda, eu...ainda estou morando na casa da minha avó — meu ar era afetada.

A atendente voltou ao balcão novamente, colocou o teste na minha frente.

— Aqui está senhorita.

Os meus olhos e os dele foram ao mesmo tempo para o produto.

Engoli em seco e quando fui puxar a embalagem de cima do balcão ele a pegou primeiro.

— Um teste de gravidez? — perguntou, lendo a embalagem.

Seus olhos vieram sobre mim confusos.

Voltei-me rápido para a saída, mas ele me pegou pelas mãos.

— Você está grávida? — perguntou.

— Não é pra mim! — menti.

— Camila! — replicou, exigindo resposta.

Puxei meu braço dele e exclamei.

— O que você está fazendo aqui, afinal, intrometido!

A atendente ficou nos olhando assustada. E ele falou com a voz controlada, de forma baixa, afinal o cara era um Juiz.

— Eu a vi entrando. Só queria falar com você, senhorita.

Comecei a andar para a saída.

Marcus sacou a carteira rápido jogou uma nota para a moça no balcão e veio atrás de mim, no meu encalço, trazendo a embalagem nas mãos.

— Camila. Precisamos conversar.

— Ah! É! Pensei que você não quisesse mais me ver, você me expulsou da sua casa esqueceu! — gritei com ele, lembrando de tudo de novo. Tinha chorado muito naquele dia.

Continuei andando rápido, fugindo dele.

Ele me chamou, mas como não o atendi, puxou-me pelo braço até o seu veículo sem dificuldade nenhuma. Em seguida, fez-me sentar no banco traseiro.

— Odeio quando você faz isso comigo! — gritei revoltada, brava com ele.

— Desculpe-me por isso. Você também não foi nem um pouco correta comigo, por isso a expulsei, já esqueceu, Camila?

Ele estava certíssimo.

Meu peito arfava, ainda aborrecida, mas ao mesmo tempo emocionada por estar ali falando com ele de novo. Estava tão perto dele, coisa que achei que nunca aconteceria de novo, apertei as mãos nervosa. Precisava admitir, nunca tinha sofrido tanto antes por um cara, como por ele.

Respirei fundo. Passei as mãos no meu rosto para me acalmar.

— Desculpa, Marcus. Você está certo, eu realmente sinto muito. Eu fui a errada em tudo. E obrigada por ajudar a Pri.

Ele deu de ombros. Parecia nem se importar mais com o que fiz.

— Ela realmente era inocente, você falou a verdade.

Em seguida, olhou-me mais intensamente.

— O teste é para você, não é?—perguntou, dessa vez sua voz era mais carinhosa.

Encolhi-me no meu lugar. Não adiantava mentir, ele já sabia que era.

— Sim— respondi.

— Você está grávida? — perguntou com um olhar estranho.

Senti-me irritada de novo com a intromissão dele.

Será que realmente estava grávida?

Eu não tinha culpa de ter ficado!

— Ah, que saco, cara! Como vou saber, se nem fiz o exame ainda!

— Pois bem, ruiva irritadinha. Então,vamos fazer isso agora mesmo — disse com um ar decidido.

Ele dirigiu rápido para sua casa. Enquanto isso,peguei o teste que ele havia me entregado e li as instruções na embalagem, nervosa.

Quando chegamos a sua casa, segurou minha mão apressado, guiou-me e abriu a porta principal. Em seguida fomos direto para sua suíte.

— Você já fez isso antes? — perguntou ansioso.

Entrei no banheiro e fechei a porta na cara dele, respondendo.

— Não!

Fiz o exame e fiquei sentada por vários minutos no vaso.

Estava desconcertada.

Putz! De acordo com o tal do exame: Estou grávida.

Grávida!?

Agora sim, acho que cometi a maior loucura de todas. Só tenho 19 anos, como vou sustentar uma criança?

— Camila. Já terminou? Camila? — o Juiz me chamou.

Como não atendia, passou a bater na porta.

Cada vez que ouvia sua voz, meu nervosismo aumentava e meu desespero também.

Grávida!?

Ele nunca vai acreditar que o filho é dele. Nunca!

Quando ele começou a forçar a porta, saí do banheiro apressada e joguei o exame sobre ele, completamente fora de mim.

Mal cheguei ao corredor ele me segurou.

Eu já chorava copiosamente.

— Ei, calma, calma! — falou, abraçando-me.

— Eu ... você — chorei batendo no peito dele — O bebê é seu, é seu! Mas eu sei que você nunca vai acreditar em mim, seu Juiz estúpido!

Limpou minhas lágrimas, sorriu, seus olhos brilhavam, parecia emocionado.

Beijou-me suavemente, nos lábios.

— Eu te amo, Camila! Você é minha ruiva problema! Como não vou acreditar na minha futura esposa e mãe do meu filho — falou inflamado.

Fiquei sem reação.

Ele acreditava em mim e me chamava de futura esposa? Eu só podia estar sonhando.

Em seguida, carregou-me nos braços e ficou girando pelo quarto comigo, beijando-me como um louco. Caímos em cima da cama rindo, felizes.

Algumas horas depois eu estava nua sobre ele de novo.

Estávamos suados, e nosso cheiro estava por todo quarto.

Estava só um pouco cansada, mas me sentia realizada.

Tinha meu juiz de novo. Esperava um filho dele e íamos nos casar, quem imaginaria algo assim?

O meu pensamento, no início daquele dia, é que já o tinha perdido, como sempre acontecia, depois de tudo que aprontei com ele.

Mas não, tudo tinha mudado. Ele estava ali comigo, fizemos amor de forma ímpar mais uma vez. Com Marcus nunca era o mesmo, ele sempre me surpreendia.

— No que está pensando, minha feiticeira? — perguntou carinhoso.

Sorri e me acomodei sobre ele.

Senti sua protuberância. Era o meu juiz, algo normal, nunca ficara com um cara que se recuperasse tão rápido de uma trepada. Só Marcus Henrique mesmo.

— Em como sou privilegiada por ter conhecido você. Eu te amo Marcus Henrique.

Ele riu.

— Eu te amo, Camila, Alexia, o que seja.

Ele me fitou, comprimindo os olhos, pensativo.

— Sabe de uma coisa. Essa é a primeira vez que fiz amor com você, assim, sendo Camila.

Aconcheguei-me mais, com meu olhar travesso.

— Ah, é. E gostou de transar com a Camila?

Ele demorou um pouco para responder.

— Marcus? — perguntei, preocupada.

— Podemos começar tudo de novo, acho que ainda não notei diferença, talvez precise de mais uma, duas, mil vezes...

— Marcus — protestei rindo.

Mas ele já me carregava para a banheira.

Dessa vez fizemos amor, muito lentamente.

— Senti muito sua falta minha ruiva — disse rosnando, enterrando-se em mim, por baixo da água, com estocadas suaves.

— Eu também, oh, meu juiz, senti tanto sua falta...

Eu queria acelerar, mas ele não permitia.

— Não, — disse segurando por minha cintura — o bebê — lembrou.

Eu o atendi, pois ele tinha razão. Não precisávamos de estripulias vigorosas, não por aquele momento, queríamos apenas nos sentir um só.

E era o que acontecia.

Pois eu descia e subia no seu pau. Sentia sua pele na minha, e ele, a minha na dele. Nosso atrito de peles era macio, gostoso.

Meu homem me preenchia inteira, e eu amava senti-lo, assim, ele entrando inteiro em mim, mergulhado nos meus olhos, fitando-me com tanta paixão e ânsia. Era desejo, era querer. Mas também sentia todo seu cuidado, porque também era amor.



Sentei na espreguiçadeira e o fitei ao meu lado. Ele estava de óculos de sol e usava sunga azul marinho. Ele segurou minha mão e continuou aproveitando o sol.

Se alguma cartomante bêbada, estilo gótica, dissesse-me naquelas festas malucas que eu costumava ir, que isso aconteceria em menos de três meses, é claro que eu não acreditaria.

Marcus e eu estávamos casados há quinze dias! Aquela era nossa lua de mel em Margarita!

Ele se levantou de repente e me surpreendeu, carregando-me no colo. Tínhamos surfado e eu já tinha tomado alguns caldos, talvez não topasse de novo, eu tentava melhorar com meu instrutor dedicado, mas era bem difícil, eu não nasci na beira da praia, mas sim no meio de prédios.

Entrou comigo no hotel. As pessoas nos olharam surpresas.

— Lua de mel — explicou. Imediatamente todos riram.

Chegamos ao nosso quarto e ele passou a retirar meu biquine.

Tínhamos passado a manhã inteira, surfando, passeando, comendo e tomando banho de mar na ilha.

— Qual é minha sentença, Meritíssimo? — perguntei acariciando seu peito suavemente peludo e musculoso, que eu adorava.

Fitou-me, então, com seus olhos azuis quentes, sacanas.

— Você trouxe os brinquedos?

— Sim, meritíssimo — respondi com um risinho malicioso.

Peguei a sacola de brinquedinhos eróticos que eu tinha colocado na gaveta, ao lado da cabeceira da cama e entreguei a ele.

Ele verificou os brinquedinhos e escolheu as algemas. Elas eram de couro, um material que não machucava. Fitou-me cerrado e me prendeu pelos dois pulsos, na cabeceira da cama.

— Sua sentença será ser acariciada e possuída por mim sempre que eu quiser — disse me beijando suavemente na boca, depois seus lábios vieram por toda minha marca do biquíni nos ombros.

— Ou seja, pelo menos quatro vezes ao dia? Ah.. — falei gemendo, sentindo seus beijos alcançarem meus seios agora. Ele beijou todo o volume de cada um. Circulando as aréolas com a língua e eu gemi, contorcendo-me.

— Ah..hummm...meu amor...Marcus.

— Isso mesmo, ou talvez mais que isso, temos que fazer mais vezes, a diária aqui é cara.

Eu ri.

— Algum protesto, senhora Toledo? — perguntou, beijando meu ventre dessa vez.

Suspirei, mas não respondi ainda.

Desceu por toda a marca do meu biquíni na minha pélvis, depois abriu minhas pernas para ele. Passou então a me invadir com a língua. Passei a gemer.

— Não meritíssimo, ah..eu..aceito a minha pena...ah..

A partir daí, não consegui dizer mais nada, pois já estava completamente entregue ao meritíssimo, sua excelência meu Juiz Marcus Henrique Toledo, num gozo incontrolável, de novo, de novo e de novo.

Fim





Camila no Clube do Livro

Coloquei meu livro sobre a mesa de centro e todas bateram palmas eufóricas com a novidade que eu lhes dava, estava casada e grávida!

— Parabéns ruiva! Sua vó deve estar nas nuvens, menina! — gritou Samanta abraçando-me, emocionada.

— Ah nem me fale, esta ansiosa pela chegada do bisneto e o pior é meu pai, ele e Paula, sua namorada agora, me ligam todos dias para saberem como estou. E minha mãe então, quis até voltar do Japão de vez. Chorou rios porque não pode ir ao casamento, aquela ruiva é um problema. A mãe do Juiz não gostou muito, mas teve que aceitar, ela era mais fã da Loira insípida, nada é perfeito, mas a irmã dele, está ansiosa pela vinda do sobrinho, ela não fala de outra coisa, ela é muito louca, seu hobby é viajar— contei animada.

A irmã, Claudia, era um amor de pessoa. A mãe do Marcus ainda não me engolia, mas isso ela teria que aprender a fazer. Apesar de ela preferir a tal ex dele foi a mim que ele escolheu.

Marcus era meu marido, agora, teríamos um bebê! Toda aquela felicidade ia além do que já tivesse esperado na vida!

Minha mãe estava eufórica, tive até dificuldade em convencer a ruiva a não vir às pressas para o casamento, na época. Falei que ela poderia vir com calma do Japão para o nascimento do bebê, e poderia cantar para seu neto ou neta.

Eduarda me puxou para seus braços também.

— Camila! Parabéns! Duas vezes! Pelo casamento e pelo bebê que está vindo! — disse feliz por mim.

— Obrigada, Duda, aquele Juiz espertinho me pegou de jeito! — falei travessa, rindo.

A aparência da loira dizia tudo, ela estava muito feliz com seu Jovem

CEO também.

— Você é uma ruiva sortuda! Parabéns, amiga! — dessa vez foi Kate quem disse, tão eufórica quanto as outras, abraçando-me também entre lágrimas — Isso merece mais uma rodada de chá, café ou suco. A futura mamãe não pode nem pensar em beber nada com álcool.

Ela foi até as nossas xícaras e as abasteceu de chá.

— Bebida agora, só depois que o bebê nascer, Kate! — falei só para provocá-las.

— Camila!! — as três me repreenderam.

Pisquei e ri travessa.

— Brincadeirinha, meninas!

Depois da festa de comemoração por mim, Kate pegou seu livro, de cima da mesinha de centro, com sua história e começou, com um riso travesso.

— Bem, garotas, a coisa vai pegar fogo. Preparem-se, a próxima história é a minha! Como já disse, é muuito quente!

— Vai lá Kate — exclamamos batendo palmas e assobiando.



***Diva, obrigada por ter acompanhado o livro Nos braços do Juiz, espero
que tenha gostado
Vamos ao outro livro da Série?***

O irmão do meu namorado

Sinopse do próximo livro da série:

O Irmão do Meu Namorado

Derek

Conheci Kate no ensino médio e me apaixonei. Ela se apaixonou também.

Mas não por mim, mas pelo meu irmão, Alex.

Resumindo, eu não tinha nenhuma chance, então, desisti.

Os anos se passaram e me transformei num grande campeão.

Por coincidência do destino, reencontrei a garota que dilacerou meu coração, no tempo de escola. Trabalharia com ela, na empresa onde tinha um acordo publicitário. Um balde de água fria caiu sobre mim, pois ela acabou reatando o namoro com o Alex mais uma vez.

Só que dessa vez eu não ficaria apenas vendo as coisas acontecerem como antes, tomei uma decisão: Conquistaria o coração da Kate, o grande amor da minha vida.

Agradecimentos

Divas, primeiramente agradeço a Deus pelo privilégio da vida! Por me conceder a felicidade de conviver e conhecer pessoas maravilhosas: Minha família e vocês, minhas divas leitoras!

Sou tão feliz! Todos vocês me incentivam na ação carinhosa de expor e entregar ao mundo minhas histórias!

Obrigada meus amores, obrigada mesmo!

Crio as histórias, a partir de roteiros, com muito amor e carinho.

Peço que continuem me acompanhando nesse mundo mágico, com seus elogios e críticas, as quais me fazem crescer como ser humano e contadora de histórias. Beijos e um grande abraço, até breve em mais uma viagem de sonhos com os rapazes Gil R. Santos!

“Quando damos amor de verdade ao outro, coisas maravilhosas acontecem”.

Escritora: Gil R. Santos
(Pseudônimo: Sabrina Cabral).

Sobre a autora

Gil R.Santos (pseudônimo Sabrina Cabral) sempre gostou de criar histórias com ilustrações. Quando criança, criava as histórias, desenhava as cenas e dava para suas leitoras fiéis lerem, sua mãe e irmãs. Aos onze anos ela ganhou seu primeiro livro de romance: A marca de uma lágrima, de Manuel Bandeira. A partir daí, tornou-se uma leitora voraz de romances. Atualmente ela cursa o oitavo período de arquitetura e urbanismo, e dedica-se intensamente à criação de suas histórias, as quais 6 delas já ficaram entre as 10 mais vendidas como e-book na amazon: Amor Intenso: Meu professor, meu chefe; INTENSO Alessandro, Meu jovem CEO, Nos braços do Juiz e CAFAJESTE Renan e Puro e Selvagem. Ela mora em Manaus-Am com seu esposo e sua filha. Quando não está escrevendo, adora aproveitar os lugares mágicos da região, como cachoeiras, rios e as cavernas, além de apreciar a paisagem do sítio da família do esposo. Lá, fazem passeios frequentes de canoa, no braço de rio que inspirou cenas do livro Puro e Selvagem.

Onde vocês podem encontrá-la e saber mais sobre suas obras?

Facebook: Autora Gil R. Santos :

<https://www.facebook.com/AutoraGilRsantos>

Página Gil R. Santos e seus contos :

<https://www.facebook.com/gilrsantosescritora/>

Grupo <3 Só divas leitoras <3

<https://www.facebook.com/groups/divasleitoraslivrosemarcadores/>

Grupo O que você vai ler hoje?

<https://www.facebook.com/groups/12rapazes/>

Instagram: <https://www.instagram.com/autoragilrsantos/>

Outros livros Gil R. Santos



Intenso Alessandro para se deliciar

Número de páginas: 427 páginas

Vendido em e-book por: Amazon

Link: www.amazon.com.br/dp/B07MPRJYTD

Vendido em formato físico por: Autora

(<https://www.facebook.com/AutoraGilRsantos>)



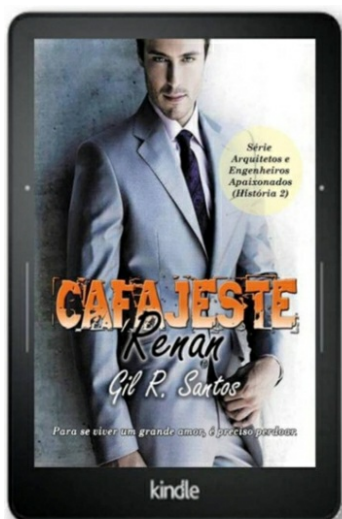
Amor Intenso: Meu professor, meu chefe

Número de páginas: 420 páginas

Vendido em e-book por: Amazon

Link: [www.amazon.com.br/dp/ B07R5KCPXT](http://www.amazon.com.br/dp/B07R5KCPXT)

Vendido em formato físico por: Autora
(<https://www.facebook.com/AutoraGilRsantos>)



Cafajeste Renan para perder a compostura e as rédeas do coração

Número de páginas: 710 páginas

Vendido em e-book por: Amazon

Link: www.amazon.com.br/dp/B07LFHJW1M

Vendido em formato físico por: Autora
(<https://www.facebook.com/AutoraGilRsantos>)



Título: Puro e selvagem

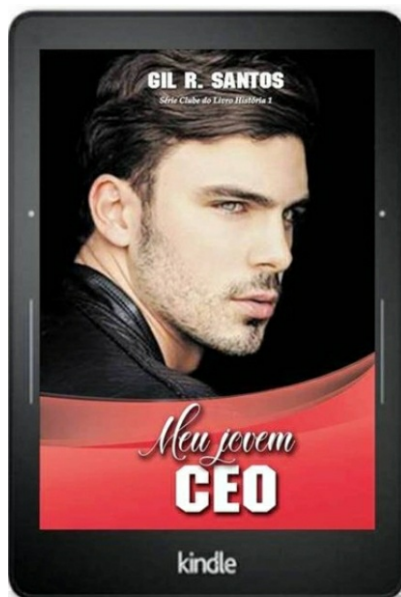
Número de páginas: 420 páginas

Vendido em e-book por: Amazon

Link:

Vendido em formato físico por: Autora

(<https://www.facebook.com/AutoraGilRsantos>)



Título: Meu Jovem CEO (Série Clube do livro)

Número de páginas: 156 páginas

Vendido em e-book por: Amazon

Link: www.amazon.com.br/dp/B07PW4CHCN

Vendido em formato físico por: Autora
(<https://www.facebook.com/AutoraGilRsantos>)



Título: No braços do Juiz (Série Clube do livro)

Número de páginas: 125 páginas

Vendido em e-book por: Amazon

Link: www.amazon.com.br/dp/B07PX898JD



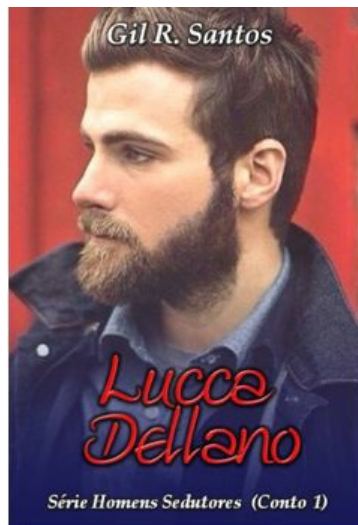
Título: O irmão do meu namorado (Série Clube do livro)

Número de páginas: 235 páginas

Vendido em e-book por: Amazon

Link: www.amazon.com.br/dp/B07QCLK3H7

Vendido em formato físico por: Autora
(<https://www.facebook.com/AutoraGilRsantos>)



Vendido em formato físico por: Autora
(<https://www.facebook.com/AutoraGilRsantos>)

Título: Lucca Dellano (Série Homens Sedutores)

Número de páginas: 101 páginas

Link : www.amazon.com.br/dp/B07N1CG4MP

Vendido em formato físico por: Autora

(<https://www.facebook.com/AutoraGilRsantos>)



Título: Ben Falcão (Série Homens Sedutores)

Número de páginas: 125 páginas

Link :

Vendido em formato físico por: Autora

(<https://www.facebook.com/AutoraGilRsantos>)

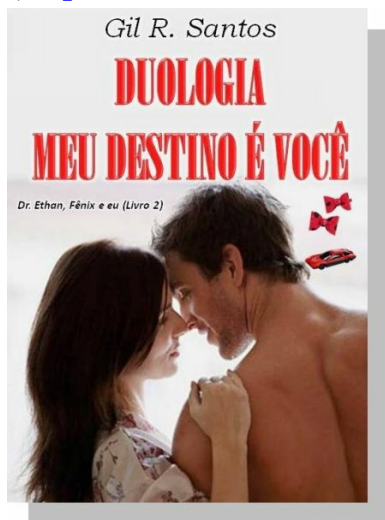


Título: Duologia Meu destino é você, Fênix (Livro 1)

Número de páginas: 68 páginas

Vendido com e-book por Amazon.com.br, link: <http://amz.onl/4U64gkl>

Vendido em formato físico por: Autora
(<https://www.facebook.com/AutoraGilRsantos>)



Título: Duologia Meu destino é você (Box livros 1 e 2)

Número de páginas: 215 páginas

Vendido com e-book por Amazon.com.br link:
<http://amz.onl/5Mr4vwO>

Vendido em formato físico por: Autora
(<https://www.facebook.com/AutoraGilRsantos>)